

# Nupia

Núcleo de Prática e Incentivo  
à Autocomposição

## Apostila para Facilitadores de Processos Circulares do NUPIA-MPPR 2020

**Coordenadores:** Samia Saad Gallotti  
Bonavides e Willian Lira de Souza  
**Autores:** Antônio Marcelo Rogoski Andrade  
e Mário Edson Passerino Fischer da Silva

**Revisão:**  
Caroline Beatriz Machado Gaertner  
e Cecília Eliane Gagetti Duarte



*MINISTÉRIO PÚBLICO  
do Estado do Paraná*



## **Apostila para Facilitadores de Processos Circulares do Núcleo de Prática e Incentivo à Autocomposição do Ministério Público do Estado do Paraná**

### **Coordenadores**

Samia Saad Gallotti Bonavides  
Willian Lira de Souza

### **Autores**

Antônio Marcelo Rogoski Andrade  
Mário Edson Passerino Fischer da Silva

### **Editora**

Escola Superior do Ministério Público do Estado do Paraná

**Curitiba, 2020**



**Escola Superior do Ministério Público do Estado do Paraná**  
R. Mal. Hermes, 910 - Ahú, Curitiba - PR, 83530-230

**Revisores**

Caroline Beatriz Machado Gaertner  
Cecília Eliane Gagetti Duarte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica

---

A645p      Apostila para facilitadores de processos circulares do NUPIA-MPPR [recurso eletrônico] /  
Coordenadores: Samia Saad Gallotti Bonavides, Willian Lira de Souza ; autores: Antônio  
Marcelo Rogoski Andrade, Mário Edson Passerino Fischer da Silva. — Documento  
eletrônico. — Curitiba : Escola Superior do MPPR, 2020.

Livro Digital

Modo de acesso: <http://www>.

ISBN 978-65-87486-04-8

1. Justiça restaurativa. 2. Solução de conflito. 3. Mediação. 4. Conciliação. 5. Ministério público  
atuação. I. Bonavides, Samia Saad Gallotti. II. Souza, Willian Lira de. III. Andrade, Antônio Marcelo  
Rogoski. IV. Silva, Mário Edson Passerino Fischer da. V. Ministério Público – Paraná. VI. Título.

CDU 347.925(816.2)

Elaborada por Claudia Teixeira de Oliveira - CRB-9/1391  
Divisão de Biblioteca / Ministério Público do Estado do Paraná

---

## Sumário

APRESENTAÇÃO:.....	2
Introdução:.....	4
1. Sua ferramenta de trabalho: a geometria circular, os princípios e as diversas aplicações do “círculo de construção de paz”:.....	7
1.1 Geometria circular:.....	7
1.2 Horizontalidade e bem-estar:.....	8
1.3 O objeto da palavra:.....	9
1.4 Os sete pressupostos do círculo e a multiplicidade de seu uso.....	13
1.5 O círculo como um espaço de segurança e de cuidado:.....	17
1.6 Sobre o compartilhamento de histórias, confidencialidade e voluntariedade:.....	17
1.7 A roda da medicina e a estratégia circular:.....	19
1.8 A importância da criatividade:.....	21
1.9 Círculos no âmbito interno e externo do MPPR:.....	22
2. O ofício do facilitador: cuidar sem controlar.....	23
2.1 A importância do trabalho em duplas:.....	30
2.2 Etapas do trabalho do facilitador:.....	31
3. Triagem de casos:.....	34
4. Fase de convites:.....	35
5. Pré-círculo:.....	38
6. Entendendo as etapas do círculo e organizando um roteiro:.....	44
6.1 Cerimônia de abertura:.....	46
6.2 Explicação da peça de centro:.....	48
6.3 Apresentação do objeto da palavra ou bastão da fala:.....	50
6.4 <i>Check-in</i> ou validação inicial de sentimentos:.....	52
6.5 Compartilhamento de valores:.....	53
6.6 Construção de diretrizes ou celebração de combinados:.....	54
6.7 Perguntas norteadoras:.....	56
6.8 Redação de termo de acordo, conclusão ou combinado restaurativo:.....	61
6.9 Validação final de sentimentos ou <i>check out</i> :.....	65
6.9.1 Cerimônia de Encerramento:.....	65
7. Pós-círculo:.....	66
8. Mensagem final.....	68
9. Anexos:.....	69
9.1 <i>Check list</i> para a triagem de casos:.....	69
9.2 <i>Check list</i> para realização de convites telefônicos:.....	72
9.3 <i>Check list</i> para condução de pré-círculo:.....	73
9.4 Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido:.....	75
9.5 Cerimônia de abertura: uma ratoeira na fazenda:.....	76
9.6 Cerimônia de abertura/encerramento:.....	77
9.7 Modelo de roteiro de círculo:.....	78
9.8 Modelo de acordo ou ausência de consenso.....	81
9.9 Modelo de questionário sobre vivência no círculo:.....	83
9.10 Modelo de questionário a ser aplicado no pós-círculo.....	85
REFERÊNCIAS.....	86

## APRESENTAÇÃO:

Este é mais um trabalho elaborado com muito afinho e carinho pelo NUPIA, e o objetivo dele é qualificar pessoas, dotando-as de instrumentos e métodos diferenciados para a implementação de iniciativas autocompositivas no Ministério Público do Paraná.

O conteúdo informativo aqui veiculado é resultado do trabalho de uma equipe, e registro então o agradecimento a Willian Lira de Souza, promotor de Justiça; Cecília Eliane Gagetti Duarte e Antônio Marcelo Rogoski Andrade, psicólogos; Mário Edson Passerino Fischer da Silva, assessor, e Caroline Beatriz Machado Gaertner, estagiária de pós-graduação, todos integrantes do NUPIA e que concretizaram a ideia de criar este meio de disseminação de conhecimento e de práticas autocompositivas.

Tudo teve início com a necessidade de disponibilizar meios de qualificação aos membros, servidores, estagiários e outros colaboradores, dotando-os de elementos úteis para as práticas circulares em suas atividades, tanto na condição de facilitadores, como incentivadores e parceiros. Primeiramente foi planejado e ofertado o “Curso de Formação Inicial de Facilitadores em Círculos de Justiça Restaurativa”, sob promoção também do Núcleo, em parceria com a Escola Superior do Ministério Público do Estado do Paraná, em 2019.

E, depois de terem sido analisadas as considerações e as dúvidas dos cursistas que frequentaram o primeiro curso, percebeu-se a importância de existir um repositório de informações e conhecimento, para consulta e aprofundamento, visando oferecer auxílio aos facilitadores, diante de seus novos desafios.

Trata-se então de um compilado que pode servir de fonte de consulta rápida e acessível, quando da realização de práticas, dispensando uma leitura prévia integral. Como dica, é recomendável a leitura dos capítulos 1 e 2, sendo que os demais podem ser lidos na medida da necessidade, ou seja, apenas quando o facilitador ou a facilitadora, for ingressar na etapa correspondente da prática. Dessa forma a leitura será mais produtiva e auxiliará a fixação do conteúdo.

O conteúdo teve como base a estrutura dos processos circulares organizados por Kay Pranis; as experiências práticas vivenciadas pelos facilitadores do MPPR e, ainda, excertos de outras obras de teóricos que abordam a autocomposição.

Como se trata de um conjunto de orientações que se destina a aplicação de metodologias, subsidiando práticas, é natural que tenha uma permeabilidade, devido às dinâmicas que vão sucedendo, e por isso, pode ser aprimorado, inclusive com auxílio de

comentários, envio de dúvidas e contribuições, bem como de relatos sobre a aplicação em atividades. Isso tudo pode ser encaminhado ao e-mail [nupia@mppr.mp.br](mailto:nupia@mppr.mp.br), Sendo que todo material será sempre agregado ao que já está reunido aqui com vistas a uma construção coletiva.

Ao final deste texto há anexos, com modelos de documentos que poderão ser adaptados à realidade de cada órgão, ou de acordo com as necessidades e o propósito da iniciativa.

Uma ótima leitura!

Samia Saad Gallotti Bonavides  
Coordenadora do NUPIA

## Introdução:

O processo circular é uma metodologia de organização de diálogo, reflexão e possível desenvolvimento de planos de ação, que foi estruturada a partir de diversos preceitos. A inspiração de base para essa técnica foi o estilo e os princípios das reuniões tribais de nativos norte-americanos tanto do Canadá quanto dos Estados Unidos.

Na década de 80, as tribos de Yukon (Canadá) e agentes da justiça criminal buscaram desenvolver laços mais fortes entre o modo de funcionamento das cortes e as tradições comunitárias desses povos. Assim, em 1991, o juiz canadense da Corte Regional de Yukon, Barry Stuart, introduziu os chamados círculos de sentenciamento como forma de compartilhar o processo de construção de justiça com as comunidades (PARKER, 2020).

Também se baseando no modelo das reuniões circulares promovidas por nativos norte-americanos, de 1994 até 2003, a pesquisadora norte-americana Kay Pranis implementou projetos envolvendo a aplicação de processos circulares no Departamento Correccional de Minnesota (EUA). A partir de seus estudos e experiências, Pranis formulou a técnica dos “Círculos de Construção de Paz”, que será abordada nesta Apostila, e desde 1998 vem atuando como instrutora de treinamentos em processos circulares em comunidades, escolas, presídios, e empresas do mundo (PRANIS, 2019).

No final de 2010, em viagem organizada pelo “Projeto Justiça 21” e patrocinada pela UNESCO, com recursos do programa “Criança Esperança”, Kay Pranis viajou ao Brasil e realizou cursos de formação de facilitadores em processos circulares nas cidades de São Luís do Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Caxias do Sul (BRANCHER, 2014, p. 18). Assim, há quase dez anos existe no Brasil uma história de implementação da metodologia de Kay Pranis no Sistema de Justiça, a qual foi se espalhando por diversos tribunais e instituições pelo país inteiro.

Os Ministérios Públicos Estaduais foram se inserindo nos movimentos das práticas circulares desde então, mas é importante ter em mente que sua missão constitucional é mais ampla e abarca muitas tarefas vinculadas ao fortalecimento da democracia e ao fomento da justiça social. Para tanto, o MPPR pode ampliar suas ações formando e aprimorando redes de trabalho com as demais instituições públicas, buscando integrar esforços e, gradativamente, consolidar um espaço democrático mais inclusivo para o cidadão, especialmente como sujeito ativo das mudanças na realidade social.

Não há conteúdo que consiga transmitir totalmente as possíveis transformações vivenciadas na prática circular, pois cada pessoa experimenta esse momento de um jeito único. Levando isso em consideração, o objetivo desta apostila é oferecer um material de consulta que rememore e reforce os passos para a boa condução dos processos circulares, tanto na preparação quanto durante a facilitação.

Refletiremos sobre a realização dos círculos, a elaboração de roteiros estratégicos, a condução de pré-círculos, e sobre as funções e possibilidades em cada etapa do processo circular, sempre lembrando os cuidados adicionais na aplicação do método em situações de conflito. Buscou-se também enriquecer os apontamentos com exemplos reais e práticos, com modelos de documentos e de roteiros que podem poupar tempo na organização de uma iniciativa envolvendo a prática circular.

A ideia não é oferecer uma espécie de “receita de bolo” para os facilitadores, mas ajudar a visualizar e compreender o vasto campo a ser explorado, deixando claro que os princípios aqui abordados podem ser replicados e/ou adaptados a diversos contextos, desde que respeite a estrutura básica do processo circular.

Este trabalho foi baseado na metodologia de círculos de Kay Pranis, mas continua sendo recomendável que você estude e consulte as obras originais durante o preparo de suas atividades como facilitador. Os livros **“Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz: O Guia do Facilitador:”** (46 páginas), **“No Coração da Esperança: guia de Práticas Circulares”** (de 282 páginas) e **“Processos Circulares de Construção de Paz** (de 100 páginas) são produções que podem ser muito úteis nesse sentido.

Como primeiro lembrete, é preciso frisar que **os processos circulares NÃO se resumem às práticas restaurativas**, embora possam ser utilizados para abordar situações de conflito (BRANCHER, 2011, p. 6). As práticas restaurativas e os círculos possuem o que Leoberto Brancher chama de “conexão estratégica”, mas estes também podem ser usados, por exemplo, para organizar diálogos, traçar estratégias de intervenção e integrar equipes, celebrar conquistas, acolher novas pessoas em um grupo, dialogar sobre temas em sala de aula, organizar reflexões coletivas, etc. Não há necessidade de existir um conflito para se realizar um círculo, de modo que o “círculo restaurativo” é apenas uma das várias espécies do gênero “processos circulares” ou “círculos de construção de paz”.

Os círculos, por seus princípios de horizontalidade e liderança compartilhada, são de grande valor para concretizar experiências democráticas, dando voz e vez a todos que estejam interessados ou implicados em determinada situação. Assim, quanto mais nossas

instituições e comunidades amadurecerem sua ideia de democracia a partir de vivências dialógicas, mais fácil será exportar esse modelo para ambientes externos, favorecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural (BRANCHER, 2011, p. 5-6).

A compreensão dos círculos se aprimora principalmente pela prática, por isso fazemos o convite para que os facilitadores pratiquem suas habilidades, inicialmente, conduzindo círculos voltados à integração de equipes ou mesmo experimentando o uso da metodologia em reuniões de trabalho. Há modelos de documentos no item “anexos” que podem ajudar nesse sentido.

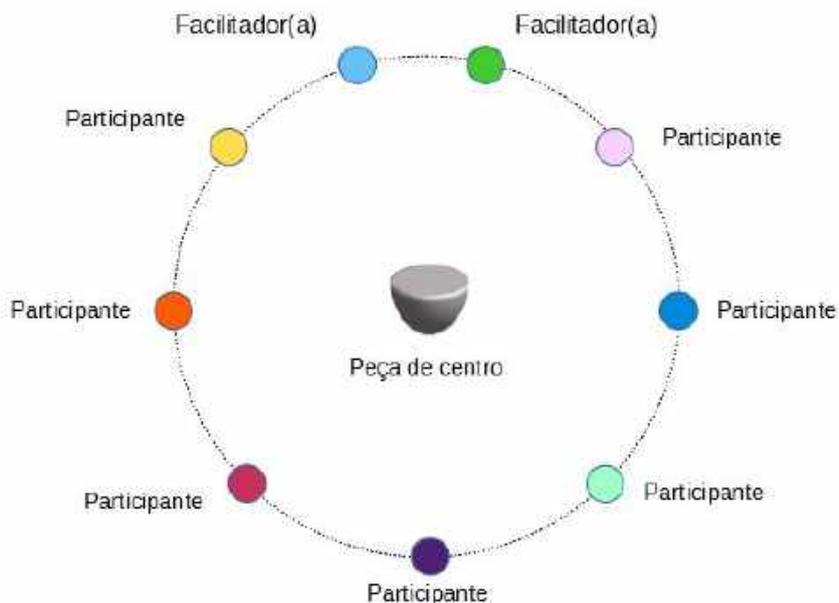
As versões editáveis desses modelos de documentos estão disponíveis na página do NUPIA (Aba: “cartilhas e modelos de documentos”) e poderão ser preenchidos ao longo das experiências dos facilitadores conduzindo práticas circulares.

O desenvolvimento desta apostila é uma tarefa COLETIVA de pensar e repensar os usos possíveis dos processos circulares dentro do MPPR, e que há muitos campos de atuação a serem trabalhados e descobertos. A apostila é um convite para dar asas à criatividade com responsabilidade, respeito à metodologia e às pessoas cujas vidas serão tocadas por ela, havendo um compromisso de aprimoramento contínuo dos facilitadores.

Lembre-se de compartilhar dúvidas, ideias, roteiros de círculos que você facilitou e propostas idealizadas, enviando-as ao e-mail do NUPIA ([nupia@mppr.mp.br](mailto:nupia@mppr.mp.br)). Não hesite em interagir pois suas ideias e experiências podem colaborar com o aprendizado de todos!

# 1. Sua ferramenta de trabalho: a geometria circular, os princípios e as diversas aplicações do “círculo de construção de paz”:

## 1.1 Geometria circular:



Para Kay Pranis, a **geometria circular**, além de replicar a forma dos encontros tribais e comunitários em torno de fogueiras, simboliza os princípios da liderança compartilhada, horizontalidade, conexão e inclusão, favorecendo o foco, o comprometimento e a participação em um ambiente seguro e respeitoso (PRANIS, 2019, p. 11-15).

Organização do círculo.

A forma circular permite que os participantes estejam equidistantes em relação ao centro e dá a chance de todos se enxergarem e serem vistos ao mesmo tempo. O formato circular também representa a conexão entre os presentes e o fluxo contínuo do pensar e repensar, deixando evidente a horizontalidade pela equivalência de posições dos praticantes e gerando uma sensação de segurança, pois todos ficam cientes de tudo o que está ocorrendo no espaço. Essa visão ampla favorece a atenção em relação às expressões e emoções de todos e, conseqüentemente, o cuidado mútuo.

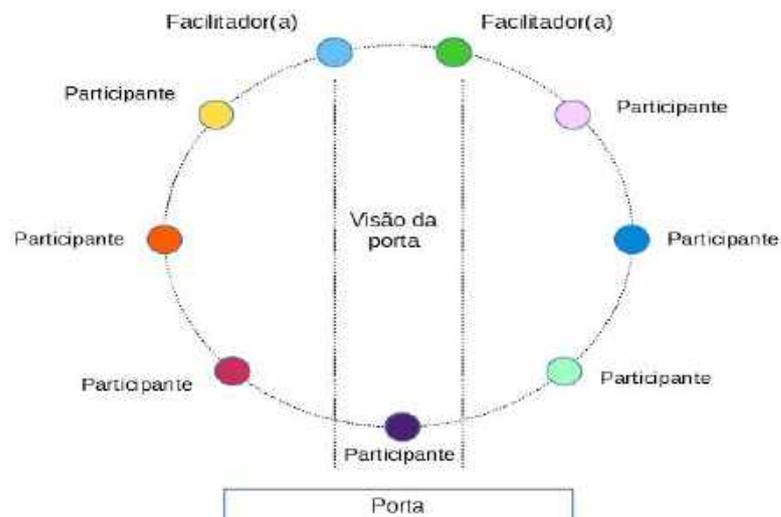
## 1.2 Horizontalidade e bem-estar:

Como apontado, no círculo nenhuma pessoa é posta em mais ou menos evidência do que a outra. Todas estão em posições equivalentes e cientes de que os facilitadores, ou “guardiões do círculo”, estão ali para zelar pelo seu bem-estar e pela horizontalidade (PRANIS, 2019, p. 53).

Com o desenvolvimento do círculo, as responsabilidades pela manutenção da qualidade do espaço são compartilhadas por todos, mesmo que inconscientemente. Apesar disso, o facilitador nunca pode perder de vista que essa atribuição essencial de zelo com os participantes e a preservação dos princípios do círculo é, prioritariamente, seu dever.

Uma dica em relação ao cuidado é que, quando o círculo for realizado em um local fechado (ele pode também ser realizado em bosques, canchas, etc.), o facilitador esteja virado para a porta ou situado em um local no qual o seu campo de visão permita verificar quando alguém de fora do círculo está se aproximando. Dessa forma, antes que ocorra alguma intervenção que atrapalhe o momento ali vivenciado, o facilitador pode se levantar e conversar com quem está chegando para explicar sobre o sigilo do momento ou verificar qual é a demanda (que pode ser mera curiosidade) sem que os participantes percam o foco.

Enquanto um facilitador faz essa intervenção, o outro facilitador da dupla pode continuar no círculo zelando pela qualidade do espaço. Veja então como fica a organização do círculo considerando essa dica:



O facilitador deve estar posicionado em um local que lhe dê o melhor campo de visão possível para antecipar eventual intervenção externa no círculo.

O tratamento horizontal, simbolizado pela forma circular, implica na inexistência de hierarquias dentro do espaço do círculo, tanto dos participantes entre si, quanto destes em relação aos facilitadores. Cada participante tem igual valor e dignidade, de tal maneira que merece as mesmas oportunidades para se expressar e o reconhecimento de seus dons (PRANIS, 2011, p. 11).

A observância da horizontalidade contribui com a formação de um ambiente mais acolhedor para que as pessoas se sintam confortáveis a contribuir e a exercerem seus dons no círculo. Dessa forma, um dos objetivos do facilitador é favorecer a construção coletiva de um espaço no qual ninguém se julgue desqualificado em relação ao outro e possa perceber que a humanidade inerente a cada um é suficiente para tornar as pessoas especiais.

O círculo é então um espaço de segurança que incentiva a manifestação do poder construtivo e a cooperação frutos da união que se cria com o compartilhamento da liderança, das responsabilidades e de valores (PRANIS, 2019, p. 53).

### 1.3 O objeto da palavra:

Outro elemento fundamental no círculo é o **objeto da palavra** (também chamado de “bastão da fala”), que é um elemento organizacional próprio da metodologia circular e que faz parte de algumas tradições tribais, como uma forma de delimitar o momento de fala de

cada um. Portanto, quem está na posse do objeto tem o poder de falar sem ser interrompido pelos demais (PRANIS, 2019, p. 12-15, 26).

Esse objeto viabiliza uma comunicação regrada e oferece a certeza do momento de fala, o que contribui para reduzir a ansiedade e incentivar uma escuta mais atenta e calma. Este recurso também incentiva a plena manifestação de emoções, escuta profunda, reflexão cuidadosa e ritmo tranquilo de fala. Além disso, pessoas que sentem dificuldade para se expressar têm uma oportunidade de fazê-lo com a consciência de que serão escutadas sem interrupção (PRANIS, 2019, p. 52-53). Como pondera Pranis, “**o objeto traz implícito em si mesmo a presunção de que todos têm algo importante a oferecer no grupo**”, sendo também uma manifestação concreta da horizontalidade (2019, p. 52).

É também enriquecedor que o objeto escolhido pelos facilitadores represente algo vinculado ao tema do círculo, ou a elementos compartilhados entre os participantes, sendo sua escolha justificada pelo facilitador no momento da apresentação do objeto.

#### **Exemplos de objetos e possíveis simbologias:**

- **Óculos:** pode representar a possibilidade de troca de lentes e a chance de compreender melhor uma questão.

- **Ovo cozido:** pode simbolizar o nascimento de novas ideias, a resistência (à pressão) e ao mesmo tempo a fragilidade de cada um de nós.

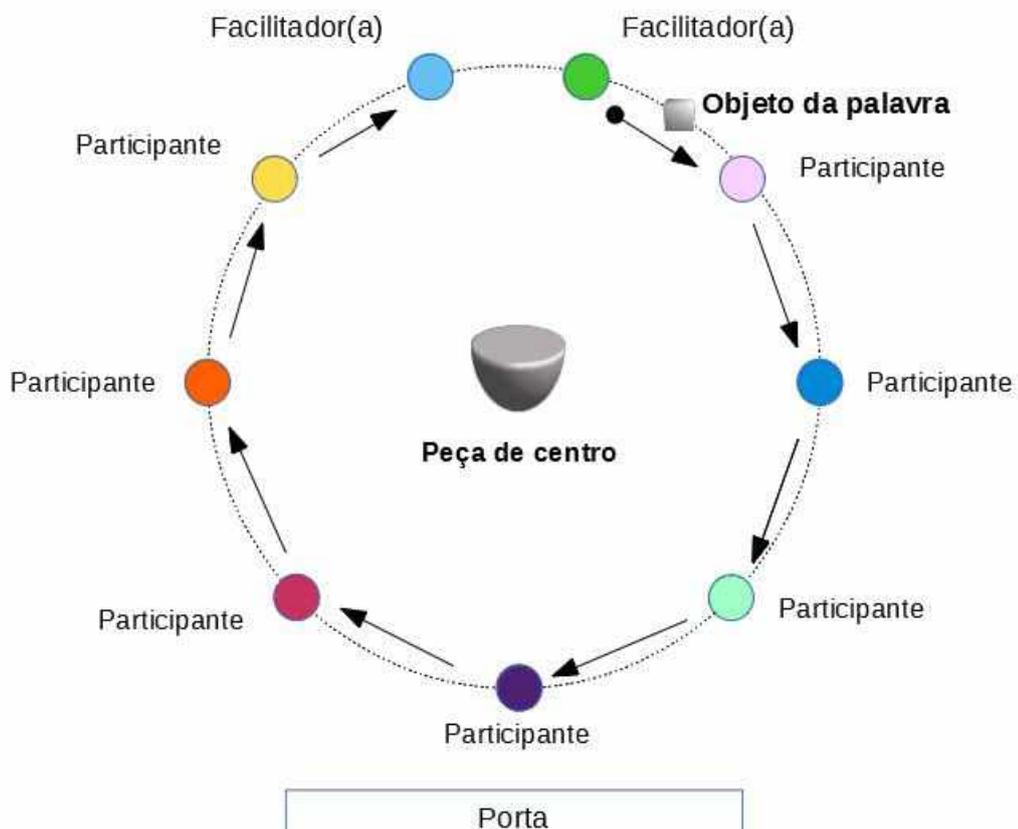
- **Lápis:** pode representar nosso poder construtivo para escrever e reescrever nossa história.

- **Espelho:** pode simbolizar a necessidade de refletirmos sobre nossos atos e como eles refletem na vida alheia, ou sobre o tipo de reflexo que queremos projetar no espelho

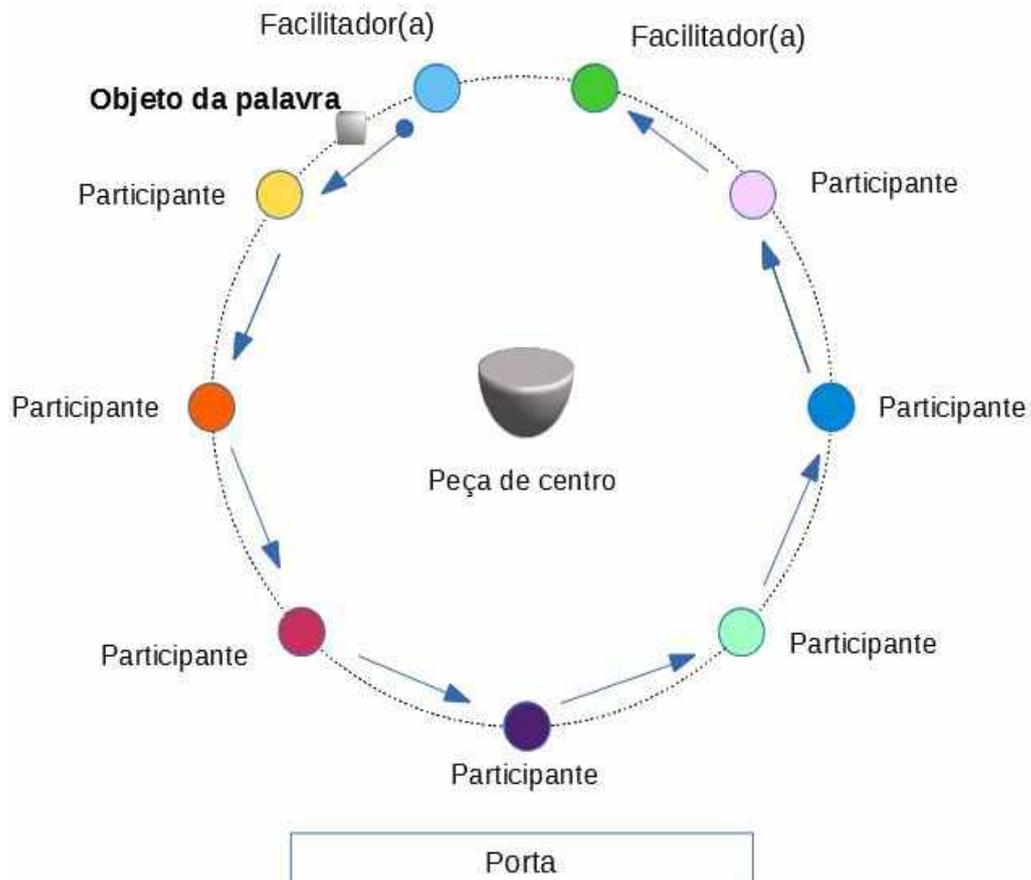
Com relação ao seu fluxo: o objeto parte do facilitador (marcando o início de uma rodada) e passa de mão em mão, sempre que a pessoa anterior termina de se expressar. Após o objeto passar por todos os integrantes, inicia-se uma nova rodada, com um fluxo invertido, e essa dinâmica se repete de rodada a rodada.

### Fluxo do objeto:

#### Rodada 1



## Rodada 2



A técnica circular também integra, portanto, elementos de tradições antigas, como é o caso do uso do objeto da palavra, aliando-os a técnicas e conceitos contemporâneos de democracia, abordagens centradas em temas e técnicas sistêmicas para compreensão de problemas e/ou compartilhamento de ideias. Trata-se de uma metodologia rica, que resgata a ancestralidade ao mesmo tempo em que reconhece a complexidade e dinamicidade da realidade multicultural em que vivemos (PRANIS, 2019, p. 15).

## 1.4 Os sete pressupostos do círculo e a multiplicidade de seu uso

Kay Pranis e Carolyn Watson, ao conduzirem círculos de construção de paz, pontuaram que se baseiam em 7 pressupostos centrais que acreditam ser verdade:

1. “Dentro de cada ser humano está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso”;
2. “O mundo está profundamente interconectado”;
3. “Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos”;
4. “Todos os seres humanos têm dons e cada um é necessário pelo dom que traz”;
5. “Tudo que precisamos para fazer mudanças positivas já está aqui”;
6. “Seres humanos são holísticos (mente, corpos, emoções e espírito estão presentes em tudo que fazemos, pois somos seres complexos)”;
7. “Nós precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro” (PRANIS; WATSON, 2011, p. 21-28)

O trabalho com os círculos parte de uma aposta no potencial humano de construir a partir da cooperação, possibilitando que cada integrante do grupo tenha vez e voz para localizar, dentro de si, o que de melhor é possível ofertar ao grupo (pressuposto 1). No círculo as pessoas têm oportunidades para dar ideias e opinar ao mesmo tempo em que essas colaborações podem ser fertilizadas pelas colaborações dos demais participantes (pressuposto 2).

Pode-se também (re)conhecer que pertencer a um grupo cooperativo faz emergir vínculos pela empatia e direcionados à criação de ideias e adoção atitudes que enriquecem vidas e relações (pressuposto 3). Há ainda a possibilidade de sermos ajudados a perceber quais recursos possuímos para ofertar ao grupo (pressuposto 4). Com a sinergia do grupo, também podem ser criados outros recursos necessários para transformar positivamente a realidade (pressuposto 5). Na prática circular é possível perceber que tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) em um contexto relacional pode incentivar o grupo a caminhar em uma direção construtiva ou destrutiva (pressuposto 6).

Por fim, o círculo incentiva a criação de hábitos que favorecem uma convivência harmônica e atitudes para que cada um seja autêntico e respeitoso (pressuposto 7).

Os círculos convidam as pessoas a estarem juntas pelos mais diversos propósitos e cada um dos pressupostos citados está embasado em descobertas científicas dos campos das Ciências Sociais e da Psicologia, principalmente no que se refere às teorias da Complexidade e Sistêmica, que já transformaram, de modo definitivo, os ramos das Ciências “Duras”, como a Física (PRANIS, 2019, p. 42-43).

A amplitude dos possíveis propósitos do círculo levou a uma série de nomeações diferentes, como “círculo de sentenciamento”, “círculo de diálogo”, “círculo de integração”, “círculo para compreensão”, “círculo de transformação de conflitos”, círculos de celebração”, “círculos de construção do círculo comunitário”, “círculo de apoio”, etc. (PRANIS, 2019, p. 29-31). Cada uma dessas denominações busca deixar claro o direcionamento estratégico adotado em um círculo específico. Por exemplo, um círculo de diálogo tem como enfoque principal a interação entre pessoas sem estar comprometido necessariamente com a tomada de uma decisão (PRANIS, 2019, p. 29). Essas separações têm como finalidade serem didáticas, pois, na prática, um círculo é multifacetado: ao propiciar o diálogo ele favorece a reflexão, e a reflexão pode ser direcionada à construção de um consenso, ou mesmo resultar nele sem que o facilitador tivesse planejado esse fluxo.

A base filosófica de qualquer círculo, seja ele voltado ao trabalho com conflitos ou ao diálogo envolvendo a integração de equipes, parte dos pressupostos referenciados e isso confere a esta metodologia uma estrutura básica comum. Por exemplo: todo círculo tem uma cerimônia de abertura, que marca a passagem do ambiente externo para o espaço do círculo e todo círculo tem um objeto da palavra. Portanto, não importa o quão simples ou complexo possa parecer o caso, a estrutura e as etapas de referência do procedimento são as mesmas, do contrário não se trata de um círculo.

O gênero dessas diversas espécies de círculos, ao seu turno, foi nomeado por Pranis de “Círculos de Construção de Paz”, emprestando um termo já usado por povos nativos, como os Navajo norte-americanos. Fala-se em “Construção de Paz” porque se entende que cada caso demanda uma paz que faça sentido aos envolvidos, uma paz a ser construída pelo esforço de todos. Assim, o círculo se norteia pela ideia de harmonia e essa harmonia implica na convivência com a diferença, no respeito ao outro e na reparação de danos que tenham sido causados.

Na prática das nossas relações, essa harmonia se estabelece em alguns momentos, pode se desfazer e novamente ser reconstituída pelo grupo já que, como em uma apresentação de orquestra, haverá momentos de interação em que as pessoas estarão com dificuldades para realizar movimentos inclusivos e respeitar as diferenças, e outros nos quais todos atuam de modo harmônico. Com o desenvolvimento das intervenções de todos, é possível a construção de um SENTIDO coletivo que acolha as diferenças e que viabilize meios de transformar os relacionamentos com base no respeito e na não-violência.

Trata-se da construção de uma paz que favoreça a compreensão, uma paz que não é uma para todos, mas que é única em cada círculo na medida em que pessoas únicas e irrepetíveis juntam seus esforços para compartilharem histórias, saberes e sentimentos rumo a uma conclusão que faça sentido para todos. Isso é possível mesmo que a conclusão seja: “não queremos conviver”, “não gostamos uns dos outros”, “talvez seja melhor seguirmos nossos caminhos separadamente”. Construir a paz, ao menos para nós, não é sinônimo de reaproximação, mas de estruturar um sentido à situação, com o qual os participantes possam estar em harmonia e seguir em frente.

O **círculo não é um fim em si mesmo**, mas uma ferramenta para que as pessoas possam conviver em bons relacionamentos. Esse método demonstra às pessoas que “podem adotar práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro” e que a cooperação é um alimento que fortifica a esperança, mostrando caminhos que talvez não seriam sequer cogitados se estivéssemos sozinhos (PRANIS; WATSON, 2011, p. 32). Partindo disso o círculo oportuniza transformações geradas pelas pessoas por meio de habilidades que já estavam ali e podem ser acessadas fora daquele espaço.

O círculo então goza de um grande potencial, mas o facilitador que deseja explorá-lo precisa de cautela e paciência, pois seus objetos de trabalho são relacionamentos e vidas humanas, que merecem todo o cuidado.

Ao realizar o prefácio da obra “Processos Circulares”, Célia Passos ressaltou o fato dos círculos adquirirem matrizes e dinâmicas específicas de acordo com o seu propósito, podendo ser mais ou menos complexos (PRANIS, 2019, p. 13). Círculos destinados à aprendizagem compartilhada em grupos de estudo são, em tese, menos complexos do que círculos destinados à integração de equipes e círculos envolvendo conflitos. Isso não significa que situações desafiadoras não possam ser vivenciadas em círculos de reflexão ou que os participantes de círculos envolvendo conflitos não poderão se surpreender pela simplicidade com a qual ocorre, por vezes, a construção de canais de comunicação e a

aproximação entre pessoas. Cada caso é um caso, um círculo nunca é igual ao outro e o acolhimento da diversidade, de diferentes formas de condução e estilos fazem do processo circular uma metodologia poderosa.

Kay Pranis recomenda que antes dos facilitadores iniciantes conduzirem círculos que envolvam emoções fortes, conflitos ou vitimização, eles passem por treinamentos específicos (PRANIS, 2019, p. 19), ou acompanhem facilitadores mais experientes. Por isso **entendemos que os facilitadores que passaram pelo treinamento inicial devem testar suas habilidades em situações mais tranquilas antes de aplicar os círculos em situações conflitivas**. Essa seria uma maneira de “muscular” o facilitador para lidar, no futuro, com questões que demandem maior atenção em relação às variáveis do conflito. Essas situações serão referenciadas na apostila e também trabalhadas em Cursos de Formação Intermediária e Avançada que venham a ser ministrados pelo NUPIA.

Mesmo assim, naturalmente o círculo é forte o suficiente para conter “raiva, frustração, alegria, dor, verdades, conflitos, sentimentos fortes, silêncio e paradoxos” (PRANIS, 2019, p. 21) e é importante que os facilitadores também estejam confortáveis e preparados para lidar com cada um desses elementos. Do contrário, o facilitador iniciante poderá aceitar desafios que estão, naquele momento, além da sua experiência no manejo dos círculos, e isso pode causar frustração com o resultado da vivência e descrédito da metodologia.

**Vamos com calma para sermos justos conosco e responsáveis com as vidas das demais pessoas. Permita-se viver algumas vezes a experiência de facilitar círculos em situações de baixa complexidade (como círculos de celebração ou de diálogo) antes de lidar com conflitos mais complexos, que demandarão uma escuta qualificada profunda e habilidades para lidar com tensão.**

Considerando esses pontos, podemos criar um círculo de relacionamento, de diálogo ou de celebração dentro de nossos ambientes da vida pessoal ou profissional, com uma estrutura simples de perguntas norteadoras, mas que possibilite abordar, de forma enriquecedora, situações cotidianas. Tenha com você mesmo o mesmo cuidado que um instrutor qualificado de uma autoescola tem com uma pessoa que conduz um carro nas suas primeiras vezes: escolhendo caminhos com menos movimento, com estradas melhores e trafegando em horários de trânsito mais favoráveis.

## 1.5 O círculo como um espaço de segurança e de cuidado:

Pranis também ensina que “os círculos se valem de uma estrutura para criar possibilidades de liberdade” (PRANIS, 2019, p. 25). Essa liberdade diz respeito à possível expressão de verdades pessoais, do exercício do silêncio e à libertação de máscaras, defesas e personagens que vestimos no nosso dia a dia (PRANIS, 2019, p. 25). Também diz respeito à libertação de sentimentos, bons ou ruins, para que possamos enriquecer nossas vidas por meio da comunicação e da conexão com o outro. Para que tal liberdade seja vivida, é fundamental que o círculo ofereça segurança, afinal a falta de sensação de segurança favorece a omissão de sentimentos e o uso dessas máscaras.

Na sociedade brasileira, marcada pela desigualdade e violência como elementos do cotidiano de muitas pessoas, a segurança remete à ideia de contenção de um mal, sendo sinônimo de controle. Essa associação pode gerar confusões na cabeça do facilitador, por isso precisamos ter claro o que entendemos por segurança no círculo.

Uma das funções do facilitador é “preservar o espaço coletivo para que cada participante se sinta seguro o suficiente para falar honestamente e abertamente sem desrespeitar ninguém” (PRANIS; WATSON, 2011, p. 41). A segurança em questão se associa muito mais ao “cuidado” do que ao “controle”, que diz respeito a induzir a pessoa a assumir um papel ou postura que julgamos adequado.

Essa distinção dá ao facilitador a consciência de que ele não tem o dever de fazer com que os participantes se comportem de uma maneira ou de outra, mas tem o dever de alertar que o círculo não é lugar para a reprodução de violência, humilhação e que, se a postura adotada for neste sentido, o círculo será suspenso. Assim, cuidar implica em zelar pelo conforto, pelo respeito das necessidades e limites de cada um, assegurando que as pessoas não estejam sofrendo violências. **Cuidar é diferente de controlar!**

## 1.6 Sobre o compartilhamento de histórias, confidencialidade e voluntariedade:

A construção de um espaço seguro e democrático pressupõe a troca e a humanização do outro por meio da empatia, ou seja, do reconhecimento do “meu eu” no “eu alheio”, ao mesmo tempo em que se honra a singularidade de cada um.

Para tanto, a dinâmica circular se baseia no “**compartilhamento ou contação de histórias**” que é diferente de uma explicação ou apresentação de um ponto de vista, pois

mobiliza uma escuta diferenciada e provoca no interlocutor um envolvimento cognitivo e emocional muito maior (PRANIS, 2019, 56). A defesa de um ponto de vista muitas vezes tem como objetivo a adesão do outro, o que tende a provocar contrarreações de resistência, criando barreiras entre as pessoas.

A história, por sua vez, não nos convida a avaliar ou a responder na mesma medida que a exposição de pontos de vista (PRANIS, 2019, p. 56) e sim a refletir, propiciando, em maior grau, o exercício de sentir com o outro e de compreendê-lo pela escuta. Para além disso, a história é uma oportunidade de autorreflexão, pois ela evidencia como compreendemos os acontecimentos e nossas limitações, o que incentiva a autoaceitação e o perdão (PRANIS, 2019, p. 57). Nas palavras de Pranis:

Abrindo nossa história individual aos outros, permitimos que eles se liguem a nós, encontrando pontos em comum conosco e nos conhecendo melhor. Num relacionamento respeitoso entre orador e ouvinte, os dois se abrem a uma ligação mais profunda com o outro. Quando as pessoas partilham histórias de (forje erros, e deixam cair camadas protetoras revelando-se como seres humanos vulneráveis e batalhadores, nós nos identificamos mais com essas pessoas. Fica muito mais difícil manter distância daquele *outro* e deixar de sentir a ligação existente em função da humanidade comum que nos une. Fica mais difícil apegar-se ao medo, à raiva ou à indiferença que sentimos em relação a alguém quando este expõe sua dor e vulnerabilidade. A menos que já conheçamos a história de vida daquele que está falando, a escuta das histórias de sofrimento e fragilidade em geral desmancha os preconceitos que tínhamos a seu respeito. (...) **Na nossa cultura, a escuta acontece em função do poder que alguém tem. Quanto mais poder tivermos, mais respeito as pessoas demonstrarão ao escutar nossa história. Ouvir respeitosamente a história de alguém é honrar seu valor intrínseco e empoderá-lo construtivamente.** (PRANIS, 2019, p. 57)

Além desse compartilhamento, o círculo depende de outras condições e pressupostos para se consolidar enquanto um espaço seguro. Considerando que a autoexposição e a espontaneidade nem sempre são a regra nas dinâmicas relacionais do cotidiano, e que a vinculação das pessoas com esse espaço externo não desaparece durante a prática circular, faz-se necessário que as pessoas sintam segurança no círculo para serem verdadeiras sem temerem consequências negativas no campo externo. Para aumentar essa sensação de segurança, o conteúdo das histórias compartilhadas no círculo é, salvo decisão contrária e unânime dos participantes, protegido pelo **sigilo** ou **confidencialidade**, que vincula todos os envolvidos, inclusive os facilitadores.

A base da segurança e do respeito no espaço circular é também sustentada pelo princípio da **voluntariedade**. Nesse sentido, o facilitador deve prestar atenção se os participantes estão devidamente informadas sobre o procedimento, suas causas e consequências, para que possam gozar de uma autonomia suficiente para tomarem decisões com as devidas informações. Essa autonomia é o que conforma a voluntariedade, possibilitando a escolha consciente do sujeito em compor o espaço circular por decisão própria.

A voluntariedade, que não se confunde com libertinagem, abarca o direito do participante não se expressar ou não continuar participando do círculo se não desejar e deixa claro que o círculo não é um lugar para o exercício da autoridade. O empoderamento dos sujeitos começa, portanto, com o reconhecimento do seu direito de escolher fazer parte do círculo.

### **1.7 A roda da medicina e a estratégia circular:**

O círculo, em razão das suas raízes comunitárias, se assenta na premissa de que a segurança depende de relacionamentos saudáveis e respeitosos. Dessa forma, o enfoque inicial do círculo é a construção de vínculos que permitam aos participantes ficarem mais à vontade antes de dialogarem sobre uma situação difícil (PRANIS; WATSON, 2011, p. 45). Por isso a metodologia adota etapas de apresentação, compartilhamento de sentimentos, valores, celebração de combinados e perguntas baseadas no compartilhamento de histórias.

Portanto, “de maneira intencional, um círculo não vai direto ao ponto”, pois leva tempo criar experiências compartilhadas e conexão entre pessoas, tempo esse que é necessário para aumentar o nível de segurança emocional (PRANIS; WATSON, 2011, p. 45). Para compreender melhor essa estratégia, usaremos o elemento da roda da medicina que, para algumas tribos nativas, simboliza a harmonia existente na natureza e que é refletida na vida humana. Além de poder ser utilizada em dinâmicas reflexivas, a roda da medicina remete à multidimensionalidade da natureza e a conexão dos seus componentes, que se influenciam de forma mútua e criam um ciclo orgânico.

Na técnica do círculo, a roda da medicina pode ser representada por meio de quatro elementos a serem observados, em maior ou menor grau, durante as etapas do procedimento:



(PRANIS, 2011, p. 46)

Como um círculo não vai “direto ao ponto”, a dinâmica das etapas dá um enfoque inicial no fortalecimento de vínculos entre os participantes e na criação de uma identidade de grupo, o que não significa que a abordagem de problemas e desenvolvimento de planos sejam dimensões desconsideradas nas etapas iniciais. Todas as etapas se influenciam e, na medida em que uma é desenvolvida, também se desenvolvem as outras.

No começo do círculo, como ficará mais claro no item a seguir, há maior atenção às dimensões do “conhecer-se” e da “construção de relacionamentos”. No meio do círculo, durante as perguntas norteadoras e eventuais dinâmicas, a “abordagem de problemas” e “desenvolvimento de planos de ação” ficam em evidência, mas, durante essas etapas, os participantes também estão “se conhecendo” melhor e “construindo o relacionamento” que querem para o futuro.

Ao organizar e facilitar um círculo, portanto, o facilitador deve estar sempre atento ao favorecimento desses quatro elementos relacionais que precisam estar equilibrados para permitirem um desenvolvimento harmônico do círculo.

## 1.8 A importância da criatividade:

Mesmo com essas diretrizes e com uma base estrutural prévia, um círculo não será por si só enriquecedor, pois ele precisa ser criativo, caso contrário as experiências vivenciadas poderão se tornar carentes de um sentido profundo aos participantes.

O trabalho de construir um círculo orgânico e cujo conteúdo das etapas facilite a associação entre a abordagem e elementos do caso concreto é uma das funções preparatórias mais importantes que o facilitador desempenha. A criatividade, portanto, depende da adequação do procedimento circular à situação que se pretende abordar, seja ela a reflexão sobre um tópico, um conflito, um evento que se deseja celebrar, o luto pela perda de alguém, a necessidade de integração de uma equipe, etc.

Vamos dar alguns exemplos de como a criatividade, atrelada às diretrizes e princípios supracitados, pode fazer toda a diferença na experiência circular.

**Conflito no ambiente de trabalho:** em um desgastante conflito entre os funcionários mais antigos e mais recentes de um setor de Tecnologia de Informação, vinculado a um importante órgão público, foi aventada a possibilidade de realização de um círculo de construção de paz para transformar o conflito. O objetivo foi que os participantes pudessem, a partir do diálogo, compreender as causas e as dimensões do conflito que viviam para então construir diretrizes de convivência que tornassem o ambiente laboral um espaço de harmonia e inclusão. Para dar o andamento inicial a essa tarefa, após conversarem e convidarem individualmente cada um dos participantes, os facilitadores do Ministério Público organizaram um primeiro círculo voltado somente ao reestabelecimento de canais de comunicação dos colegas de trabalho. Considerando que nos encontros pré-círculo as diferenças entre os envolvidos foram constantemente referenciadas (por eles) para legitimar hostilidades, os facilitadores optaram por dar maior enfoque no resgate da identidade comum entre todos no primeiro círculo. Por isso a peça de centro foi decorada com uma série de objetos que remetiam à informática e, conseqüentemente, ao trabalho que todos exerciam. O objeto da palavra selecionado foi um “mouse de computador”, que representou a importância dos participantes tomarem as rédeas daquele conflito para torná-lo construtivo e não se deixarem levar pela rotina de hostilidades que se consolidou no setor. A primeira pergunta norteadora dizia respeito aos motivos e acontecimentos da vida que levaram todas aquelas pessoas a trabalharem no mesmo lugar. Assim, cada um deles percebeu que suas motivações e histórias não eram tão diferentes e, gradativamente, aqueles “inimigos” começaram a se humanizar permitindo-se dialogar na medida em que se percebiam uns nos outros.

**Conflito envolvendo idosa e o neto:** durante a condução de um círculo realizado no âmbito da promotoria do idoso, que tratava de um conflito envolvendo uma senhora de idade avançada e seu neto, que com ela residia, percebeu-se que ao responderem as primeiras perguntas norteadores (voltadas ao compartilhamento de histórias), tanto a avó quanto o neto evadiam-se das indagações e apenas referenciavam os comportamentos que os desagradavam. Diante dessa situação, um dos facilitadores acolheu a ansiedade dos participantes, de tratarem das situações que os desagradavam, afirmando que foi destinada uma bateria de perguntas própria para que eles expressassem pontos que gostariam de melhorar no relacionamento. O facilitador também explicou que as perguntas iniciais tinham como objetivo resgatar lembranças positivas para que todos pudessem perceber que essa dinâmica relacional desgastante nem sempre foi assim. Partindo dessa premissa, os participantes poderiam refletir sobre quais causas do conflito deveriam ser abordadas para que o conflito fosse transformado, mas seria importante resgatar a esperança de um futuro melhor e criar canais saudáveis de comunicação. Os participantes então entenderam a estrutura do procedimento circular e o fato de que ela poderia colaborar para o atendimento de suas necessidades. Então, a fim de preservar essa estrutura o facilitador sugeriu uma diretriz que chamou de “foco no tema”. A regra foi recepcionada pelos participantes que, a partir dela, adotaram uma postura mais construtiva e se permitiram ter paciência para refletir melhor sobre as causas do conflito e os sentimentos que tinham em relação a eles antes de pensar no que gostariam de mudar.

Os exemplos buscam ilustrar que a criatividade deve se fazer presente não apenas na elaboração de roteiros e estratégias prévias, mas também durante a condução dos círculos, sempre buscando aproximar os elementos da metodologia com as demandas implícitas e explícitas dos participantes. O potencial enriquecedor do círculo depende da sua aproximação com realidade vivenciada pelas pessoas, pois quanto mais próximo dela, mais carregado de sentido e, portanto, mais transformador ele será.

## **1.9 Círculos no âmbito interno e externo do MPPR:**

No âmbito interno do Ministério Público, o círculo se mostra uma ferramenta valorosa de integração, pois aflora a dimensão humana de cada um e permite uma conexão que, por vezes, o ambiente laboral silencia ou inviabiliza, seja por favorecer um clima de competitividade, seja por estar atrelado a dinâmicas de trabalho ineficientes.

Portanto, uma possível mudança veiculada pela prática circular é a conexão dos participantes com a missão constitucional da instituição de promover uma sociedade mais livre, igualitária, justa e solidária, por meio de um exercício interno de humanidade e cidadania. O círculo então incentiva as equipes a conhecerem os diversos pontos de vista e histórias de cada um, dando voz à diversidade e à reflexão sobre novas frentes, deixando claro quais são os objetivos comuns e favorecendo a inclusão e cooperatividade.

**Assim, convidar outros colegas facilitadores para facilitar círculos em seu ambiente de trabalho, e vice-versa, pode ser uma boa forma de entrar em contato com outros estilos de facilitação e assegurar que a experiência circular não seja contaminada pela vinculação relacional prévia que você já possui com seus colegas de trabalho.**

No âmbito externo, os círculos podem servir para organizar reuniões com órgãos parceiros do Ministério Público, dando a oportunidade para a criação de diretrizes de atuação pela via do diálogo, mapeamento de dificuldades de maneira horizontal e dialógica e resgate da motivação dos envolvidos para superar desafios.

Da mesma forma, os círculos podem ser usados como metodologia norteadora de audiências públicas, dando chance para que os presentes se sintam devidamente incluídos no processo de transformação de problemas e possam, além de expor opiniões expressarem necessidades e sentimentos humanos que estão por trás das demandas objetivas, contribuindo para dimensionar a situação e gerar implicações pessoais que favorecem o comprometimento com mudanças positivas.

## **2. O ofício do facilitador: cuidar sem controlar**

Os facilitadores são assim chamados pois a essência do seu ofício é facilitar a comunicação e as reflexões das pessoas em torno de uma situação ou tema. Para Kay Pranis, a maior responsabilidade do facilitador é auxiliar os participantes do círculo com a criação de um espaço seguro e respeitoso durante o tempo em que o círculo estiver acontecendo. O exercício dessa tarefa está vinculado ao desenvolvimento contínuo do “crescimento pessoal”, da autocrítica, do exame de coerência, do autoconhecimento e de qualidades como:

Paciência;

Humildade;  
Escuta atenta e profunda;  
Aceitação de que todos merecem respeito;  
Disposição para lidar com a incerteza;  
Habilidade para compartilhar responsabilidade.  
(PRANIS, 2011, p. 11-14)

Considerando então que a função do facilitador é cuidar, o autocuidado é também um exercício fundamental. Nesse sentido, Pranis relembra que uma pergunta muito útil que o facilitador pode fazer a si mesmo antes de entrar em campo é: como estou lidando com a violência interna para poder abordar a violência externa? Sobre esse tema, a autora alerta:

O espaço do círculo **não é nosso espaço normal**. Demanda comportamento intencional que esteja alinhado com os valores tanto quanto possível. **Isso não é fácil de fazer em um contexto de empregos e vida pessoal com muita pressão. Priorizar tempo para autopreparação é uma responsabilidade essencial para ser facilitador.** (PRANIS, 2011, p. 13).

Essa preparação tem duas dimensões, uma mais contextualizada, que diz respeito ao círculo específico, e outra geral e constante, referente à adoção de hábitos que ajudam a florescer qualidades benéficas para a facilitação de círculos (PRANIS, 2011, p. 13).

Sobre o preparo para o círculo específico, Pranis recomenda que o facilitador descanse, alimente-se de forma adequada, esteja centrado e chegue antes ao local do círculo para relaxar e se ambientar (PRANIS, 2011, p. 14). Meditar, realizar exercícios de respiração, escutar músicas calmas, ficar sozinho(a) em silêncio, ou desenvolver uma estratégia própria para se acalmar pode ajudar com esse preparo.

Quanto ao preparo contínuo, Pranis aponta o “trabalho para o crescimento pessoal”, a autocrítica, o exame de coerência, o autoconhecimento e o autocuidado como diretrizes fundamentais para contribuir com a formação de um bom facilitador ou facilitadora. Assim, seguindo a lógica da roda da medicina, a autora orienta que os facilitadores exercitem, de modo equilibrado, o que ela considera serem as quatro dimensões do ser humano:

Cuidado **físico**: exercite-se, alimente-se bem, durma o suficiente.

Cuidado **emocional**: sonde e enfrente seus sentimentos através da reflexão, da escrita de um diário ou da conversa com amigos.

Cuidado **espiritual**: meditar;

Cuidado **mental**: descobrir maneiras de estimular a mente. Evitar analisar exaustivamente seu trabalho no círculo: ler, trabalhar com arte, artesanato, o que quer que funcione para você. (PRANIS, 2011, p. 14-15)

O facilitador, por sua mera presença, afeta o sistema no qual atua e que se forma na medida em que os participantes e ele interagem. Apesar disso, um facilitador não deve ser intervencionista, mas isso não significa que ele fica distante das pessoas como um mero condutor de dinâmicas. A figura do facilitador participante, que se implica e compartilha suas histórias no círculo, é fundamental, pois isso contribui com o clima de empatia e de conexão relacional que se pretende criar (FELLEGI; SZEGÓ, 2013, p. 15). O facilitador não controla os assuntos que emergirão no círculo e nem busca direcionar o grupo a um resultado ou outro. Seu papel é resguardar a segurança e incentivar os participantes a se engajarem para compartilharem a responsabilidade de tornar o círculo um ambiente acolhedor e seguro (PRANIS; WATSON, 2011, p. 41).

A atuação participante do facilitador deve ser funcional para apoiar a expressão das outras pessoas e fornecer modelos de conduta que contribuam com a vivência de uma experiência de alteridade. Dessa forma, o facilitador pode expressar seus valores e sua história ao responder, por exemplo, perguntas norteadoras de cunho mais geral, mas não deve se tornar o centro das atenções e tomar mais tempo do uso da palavra do que o necessário. A título ilustrativo, quando é feita a abordagem direta referente a um contexto específico no qual os participantes se encontram não cabe aos facilitadores se expressarem, pois isso é pertinente somente aos protagonistas.

Segundo Juan Carlos Vezzulla, ao contrário do advogado e do juiz, o facilitador não é relevante para oferecer respostas a um problema, e sim porque sua intervenção pode facilitar o exercício da autodeterminação das pessoas, contribuindo com a gestão autônoma, segura e dialógica da situação vivenciada. Essa conclusão se assenta em uma premissa intuitiva, pois, afinal de contas, o facilitador reconhece que qualquer transformação positiva dessa situação depende da transformação das percepções e posturas dos envolvidos (VEZZULLA, 2003, p. 113-117).

Assim, Vezzulla apontou que o facilitador deve ser “capacitado a não saber”, ou seja, a não pensar que sabe as respostas para solucionar o caso. Seu ofício está

intrinsecamente ligado ao fato dele se moldar às circunstâncias, estando atento ao estado físico e psicológico de cada um para atuar como um objeto de sua própria prática em favor dos facilitados. Se supor que sabe a resposta, o facilitador correrá o risco de assumir para si a responsabilidade de solucionar a questão e então converterá os participantes em colonizados (VEZZULLA, 2003, p. 117-118), deixando de agir como um agente empoderador. Para o facilitador não existem culpados e inocentes, nem verdades ou mentiras, de modo que o enfoque de seu trabalho recai sobre a responsabilidade, o respeito e a cooperação (VEZZULLA, 2003, p. 120).

Reconhecer nos participantes o potencial para transformar a realidade é uma premissa que deve ser adotada pelo facilitador para promover a autonomia a fim de que os envolvidos atuem como protagonistas de suas histórias (VEZZULLA, 2003, p. 118). Lembre-se do pressuposto de Kay Pranis: “Tudo que precisamos para fazer mudanças já está aqui”.

Isso não significa que o facilitador não possa ajudar os participantes a perceberem “falsas representações”, que são incoerências do discurso as quais mascaram questões que os facilitados ainda não se sentem confortáveis para expressar. Caso o facilitador perceba isso, ele pode fazer alguma pergunta ou observação sutil, usando o discurso e os compromissos assumidos pelo participante como referência. Da mesma forma, se o facilitador perceber que o espaço do círculo está sendo usado para promover a humilhação, a revitimização ou a agressão, ele pode, após conversar com o grupo a respeito, suspender o círculo. Essa possibilidade vem do seu dever de cuidado para com os participantes. Seguem alguns exemplos de como isso já foi feito:

**Caso de divórcio:** durante a separação de um casal em que um dos dois se recusava a formalizar o divórcio e havia divergências em relação à partilha de bens, foi necessário um intenso trabalho de reflexão e restabelecimento de canais de comunicação antes de se abordar esses dois problemas. Após uma sessão de mediação, da qual participaram, além do casal e seus advogados, dois mediadores capacitados para facilitar círculos restaurativos, e uma psicóloga, os mediadores ofereceram o círculo como via alternativa à mediação e ao processo judicial. Os advogados, desgastados com as discussões, incentivaram seus clientes a participar e o casal, que possuía uma série de assuntos ainda não dialogados, se interessou pela iniciativa. No dia do círculo, o compromisso com o respeito e a escuta foram elencados como valores importantes pelos participantes. Como diretrizes combinadas foram previstas o respeito ao objeto da palavra e o foco na temática das perguntas. Durante o diálogo, um dos participantes adotou uma postura de não deixar o

outro se expressar, atravessando sua fala sem estar na posse do objeto da palavra. Ao ser questionado pelo facilitador sobre sua conduta e do fato dela destoar das diretrizes acordadas, o participante informou que o outro estava faltando com a verdade e a não concordava com a leitura feita. O facilitador então resgatou a ideia de que cada um, por vivenciar as questões de maneira diferente, desenvolve percepções diferentes, e que o valor da escuta e do respeito, juntamente ao combinado de honrar o objeto da palavra, implicariam no dever de reconhecer o direito do outro de pensar diferente e não obstar a sua expressão. O facilitador também apontou que, do contrário, não seria possível continuar com o círculo, pois ele não se presta a investigar fatos, mas sim a construir relacionamentos, canais de comunicação e transformar conflitos em oportunidades. Feita essa intervenção, o participante admitiu que não estava cumprindo com os combinados pela frustração e dor que sentia com o divórcio, mas passou a respeitar a fala do outro e o diálogo se desenvolveu de modo positivo.

**Problemas de relacionamento no ambiente do trabalho:** uma demanda relacionada a problemas de relacionamento em um ambiente de trabalho do setor público originou um procedimento administrativo em uma promotoria de justiça. Após serem convocados pela promotora responsável e analisarem o procedimento, os facilitadores decidiram por convidar os integrantes do local para encontros individuais pré-autocompositivos e, com a finalização destes, para um círculo voltado à integração da equipe. Durante o círculo, uma das integrantes da equipe afirmou que não tinha obrigação nenhuma de se relacionar com ninguém do seu setor e que respondia apenas a sua chefia. Após o desabafo pela participante, o facilitador perguntou a ela se as atividades do seu trabalho diário dependiam de informações prestadas pelos outros participantes, ao que ela respondeu que sim. O facilitador então resgatou outras partes do discurso da participante em que ela ressaltou o quanto prezava pela boa execução de seu trabalho e depois disso perguntou também se essa boa execução não dependeria de ter canais de comunicação saudáveis com as demais pessoas. A participante pensou e respondeu que sim. O facilitador completou que, de fato, ninguém pode obrigá-la a se relacionar com a sua equipe, mas a execução do seu trabalho dependia que ela interagisse com as demais integrantes e que a passagem de informações por escrito, pelo que foi relatado, seria inviável ante a grande demanda e dinamicidade do trabalho. Assim, a própria participante concluiu que para atender aos seus valores de prestar um bom serviço, precisaria interagir e se relacionar bem com a equipe. A partir disso, as conversas no círculo se tornaram mais amistosas e construtivas.

## DICA

Quando um participante estiver se manifestando de modo a desrespeitar os demais ou afirmando sua ausência de interesse em permanecer no círculo, o facilitador pode realizar uma intervenção entre as pausas de fala do participante e, além de reforçar os valores que foram pautados pelos participantes, pode ressaltar que a participação é voluntária e que não há necessidade da pessoa permanecer no círculo se não estiver se sentindo confortável. A intervenção deve ser feita em um tom de voz amistoso e acolhendo os sentimentos do participante.

### Ex:

**Participante:** “Ele é um fingido, não vai cumprir com nada do que está falando, já descumpriu um monte de combinados que fizemos! Isso aqui está sendo um grande de um teatro, estamos perdendo tempo!”

**Facilitador:** “Com licença Sr. Fulano... Acho importante a gente fazer uma pequena pausa para lembrar alguns pontos antes de continuar. Pelo que entendi o Sr. está frustrado pelas experiências anteriores que vocês vivenciaram, mas estamos aqui justamente para superar isso e construirmos, juntos, uma resposta a esse problema. Qualquer resposta deve estar de acordo com as necessidades e expectativas de todos. No começo do círculo, o valor colocado para nos guiar nessa construção foi “o comprometimento”, de modo que estamos unidos para nos esforçar a fazer dar certo, independentemente do que houve antes. Apesar disso, se mesmo assim esse momento não estiver fazendo sentido para o Sr., você não precisa continuar no círculo, mas essa é oportunidade interessante para vocês dialogarem de modo respeitoso e talvez até construir uma solução que deixe todo mundo satisfeito”.

É importante que o facilitador perceba racionalmente o que vivencia sensivelmente, refletindo sobre possíveis intervenções para organizar e objetivar sua percepção e a reação que o levou a sentir ou decidir de tal maneira (VEZZULLA, 2016, p. 870).

A atuação do facilitador se baseia no exercício contínuo de uma escuta ativa, permeada pela realização de perguntas, resumos das contribuições apresentadas pelos participantes e parafraseamentos para facilitar a compreensão da fala alheia. Agindo assim, o facilitador propicia momentos para recontextualizações e novas percepções de dados que podem ser transformados em informações esclarecedoras e opções (ALMEIDA, 2016, p. 170). O facilitador precisa buscar entender as visões dos envolvidos e as dimensões relacionais do caso com profundidade e isso é possível por meio da criação de

um espaço em que as pessoas se sintam confortáveis para se expressar, escutar e responder perguntas que incentivem o compartilhamento de histórias.

Ser um facilitador, para Vezzulla, implica em ter uma convicção ética de que este ofício tem um compromisso social emancipador (VEZZULLA, 2019, p. 876). Esse compromisso se relaciona com a possibilidade de despertar no participante a autopercepção enquanto sujeito moral capaz de atuar dialógica e cooperativamente para transformar sua realidade e seus relacionamentos.

Para atuar de modo ético, os facilitadores não podem guardar conflito de interesses com o tema do círculo, pois isso comprometeria a sua imparcialidade e o dever com o balanceamento das interações. Um facilitador que possui aversão a determinado tipo de crime, por exemplo, deve agir honesta e humildemente e reconhecer que talvez não seja a melhor pessoa para atuar em casos do gênero (ALMEIDA, 2016, p. 159-160).

Em relação a alguns desafios típicos da facilitação em práticas circulares, podemos citar os desequilíbrios com os quais o facilitador terá que lidar em determinadas situações. Eventual ajuste, ou tentativa de estabelecer um equilíbrio no diálogo, ainda que circunstancial, depende do conhecimento técnico, sensibilidade e criatividade. Por exemplo, casos de violência de gênero contra mulheres dependem de precauções especiais para evitar a revitimização. Assim, pode ser prudente que a mulher e seu agressor sejam convidados a participarem de um trabalho prévio de sensibilização e acolhimento antes de participarem de eventual círculo, pois, não raro, os integrantes em casos envolvendo violência doméstica de gênero estão inseridos em contextos de expressiva manifestação da cultura machista e de noções de masculinidade tóxica.

Com o autor da agressão, a seu turno, seria cauteloso que este participasse de discussões sensibilizadoras para tensionar suas perspectivas reificadoras sobre a mulher. Nada disso é simples, e lidar com o dever de promover um diálogo equilibrado, sem atuar prescritiva ou violentamente, é um dos grandes desafios do facilitador.

Os desequilíbrios entre participantes podem ser de diferentes naturezas – hierárquico, intelectual, social, financeiro, relativos à capacidade de expressão - e caberá ao facilitador adotar, quando visualizar essa possibilidade, estratégias para promover a horizontalidade. Um exemplo dessa estratégia é o preparo prévio dos participantes a partir de círculos de acolhimento e sensibilização, bem como, nas etapas prévias a um círculo restaurativo, a seleção de apoiadores que fomentem o equilíbrio interacional e a adoção de dinâmicas que permitam ao polo mais vulnerável se expressar de modo seguro.

Para Tânia Almeida, a competência do facilitador pode ser dividida em: **(i)** aptidão para conduzir um processo de diálogo equilibrado (dando as mesmas oportunidades de expressão aos participantes); **(ii)** conhecimento sobre o tema facilitado, para formular adequadamente as perguntas instigadoras de reflexões; **(iii)** sensibilidade para identificar as necessidades dos mediados e **(iv)** clareza para complementar seus entendimentos com um olhar técnico especializado, viabilizando assim a criação de canais de comunicação (ALMEIDA, 2016, p. 160).

## **2.1 A importância do trabalho em duplas:**

Quanto ao exercício do trabalho de facilitação em círculos, independente da complexidade do caso, recomenda-se que os facilitadores trabalhem em duplas. A escolha por esse tipo de trabalho deve-se à intenção de propiciar uma abordagem multifocal ou ainda multidisciplinar do caso, caso seja privilegiada a formação de uma dupla composta por pessoas de diferentes profissões, formações, ou constituições culturais (ALMEIDA, 2016, p. 160).

Para Tania Almeida, “o pilar da cofacilitação” é a ampliação da qualidade de atuação, de maneira tal que a dupla pode se alternar em termos de proatividade, o que se relaciona com o exercício de tarefas complementares, apoio mútuo em momentos de tensão durante a prática e discussão de temas relativos ao caso para ampliar a visão sobre as variáveis e formas de abordar a situação (ALMEIDA, 2016, p. 160-161).

Além disso, o trabalho com dois facilitadores propicia aos participantes uma dupla referência, o que minimiza a chance destes desrespeitarem o ritual da abordagem por não se sentirem seguros ou não simpatizarem com um facilitador. Da mesma forma, caso um participante necessite deixar o círculo por um tempo e precise de acolhimento, a atuação em dupla permite que um facilitador permaneça no círculo e o outro atenda a essa pessoa.

A escolha pela facilitação em dupla depende da clareza de propósito do que se deseja atingir com ela. Por isso, se a parceria não estiver servido para esse propósito os facilitadores devem agir com transparência um com o outro em relação as suas percepções quanto ao caso e funcionamento da parceria, sendo recomendável que ela exista e persista somente enquanto ambos sentirem afinidade entre si (ALMEIDA, 2016, p. 161). Mesmo assim, é importante que uma mesma dupla acompanhe o caso até o final, pois os participantes já desenvolveram um vínculo com os facilitadores, não sendo recomendável que se troque um facilitador ou outro.

Sobre o tema, Tania Almeida elencou como possíveis disfunções da cofacilitação:

- I. **Competição:** disputa por espaço, atenção dos participantes ou protagonismo na condução das etapas do círculo;
- II. **Ausência de escuta** entre os facilitadores por preconceitos ou desqualificações atribuídas ao outro;
- III. **Franca divergência sobre a abordagem do caso** e impossibilidade de consenso nas intervenções realizadas;
- IV. **Aliança entre facilitadores e facilitados:** isso é um problema porque, além de comprometer a imparcialidade do facilitador, cria uma dupla extra no círculo, desestabilizando a união entre a dupla de facilitadores e a cooperação do grupo. É importante então que os facilitadores, independentemente de simpatizarem com um participante em detrimento dos demais, mantenham o profissionalismo e tratem todos com a mesma cortesia e atenção. (ALMEIDA, 2016, p. 161)

## Elementos que podem ser considerados para formar uma dupla

**Formações diferentes:** ampliam as formas de análise;

**Culturas diferentes:** referencial que dá aos facilitados o exemplo da possibilidade de inclusão e cooperatividade apesar das profundas diferenças;

**Diferença significativa de idade:** relevante, por exemplo, quando se facilita um círculo com pessoas que estão em fases diferentes da vida;

**Diferença de gênero:** relevante, por exemplo, quando há pessoas de diferentes gêneros no grupo ou quando as discussões no círculo também abordem questões de gênero;

## 2.2 Etapas do trabalho do facilitador:

O trabalho do facilitador pode ser dividido nas seguintes macro-etapas:

- i. **Capacitação inicial na técnica:** é o ponto de partida para que o facilitador tenha a mínima noção do está fazendo e a razão disso.

Cursos de capacitação são oferecidos por diversas instituições e podem ter algum direcionamento específico, como, por exemplo, aplicação de círculos para casos penais, reflexão com crianças e adolescentes, integração de equipes, etc;

ii. **Autocuidado:** o cuidado consigo mesmo, como já abordado, é fundamental. É preciso cuidar de si para poder cuidar bem dos outros. Tal etapa está qualificada como número ii, mas, na verdade, ela permeia todas as demais. É preciso que respeitemos nossos limites para que possamos fazer um bom trabalho;

iii. **Preparação para a iniciativa:** a preparação para a execução do círculo diz respeito à definição dos critérios de triagem do caso, da formação de duplas e de eventual estudo da situação antes do início das intervenções;

iv. **Execução da iniciativa:** a execução parte da realização de convites aos participantes do círculo até a celebração de eventual combinado entre os participantes e finalização dos pós-círculos. Essa macro-etapa inicia, portanto, com o primeiro contato dos facilitadores com os participantes, passa pelo círculo, pelo pós-círculo e termina com a finalização deste.

v. **Acompanhamento dos resultados:** o acompanhamento dos resultados pode ser feito em parceria com a rede de proteção do poder executivo, ou mesmo por meio de um pós-círculo, em que todos os participantes do círculo se reencontrarão e contarão sobre como foi sua experiência para efetivar o acordo celebrado.

Na parte da execução, em resumo, os facilitadores: **(i)** fazem a triagem de casos aptos a integrarem uma iniciativa que envolva a prática circular, a partir critérios específicos vinculados ao programa ou projeto desenvolvido; **(ii)** convidam as pessoas a participarem da proposta; **(iii)** organizam os encontros pré-círculo para escutar os convidados, explicar as características do programa, e verificar seu interesse em aderir; **(iv)** estudam o caso a partir das informações fornecidas pelos envolvidos nos pré-círculos; **(v)** formulam um roteiro básico e modificável para a condução do círculo; **(vi)** zelam pela segurança e autonomia de todos os presentes durante o círculo e garantem que as diretrizes básicas sejam observadas, minimizando as chances de revitimização; **(vii)** suspendem a reunião no caso dos participantes utilizarem o espaço para a violência física ou simbólica, ou quando verifique que o diálogo tornou-se inviável e **(viii)** acompanham o caso até o seu desfecho, podendo realizar encontros de acompanhamento após a reunião inicial.

Apontados esses deveres, é de suma importância ter em mente, como ressaltam Tania Almeida e Kay Pranis, que a eleição das ferramentas e técnicas, o momento de sua aplicação e a forma do seu manuseio pelos facilitadores têm como objetivo propiciar reflexões específicas (ALMEIDA, 2016. p. 31) (PRANIS, 2019, p. 28-31). Se os participantes estiverem vivenciando um embate muito grave, havendo evidentes problemas de comunicação, é estratégico, se o tempo e a logística permitirem, organizar um círculo prévio voltado apenas ao (re)estabelecimento desses canais sem pretensão alguma de celebrar combinados naquele momento. Exemplo:

**Integração de mães acolhidas e reinserção familiar de adolescente acolhida:** em parceria com a 2ª Promotoria de Justiça de Santa Felicidade, o NUPIA começou a desenvolver um fluxo de atendimento restaurativo de mães e crianças acolhidas. Pretende-se que esse fluxo seja conduzido posteriormente pelo poder executivo. O início do projeto se deu em razão de um caso encaminhado ao NUPIA no qual foi solicitado que se verificasse a possibilidade de aplicar círculos para fortalecer os vínculos relacionais entre uma adolescente, que já era mãe, com a sua família. Considerando que a adolescente era muito tímida, o foco inicial do trabalho foi promover círculos de integração entre todas as acolhidas da instituição em torno de temas relevantes e relacionados com o cotidiano dessas mães (como “sonhos”, “família” e “relacionamentos”). Durante esses círculos, todas as moças acolhidas puderam compartilhar seus sonhos e perspectivas, se conhecerem melhor e criar um vínculo comunitário entre si. Da mesma forma, a adolescente se sentiu mais à vontade para se expressar na medida em que se familiarizava com a metodologia circular. Ao final de cada círculo foi entregue um documento no qual as participantes, se quisessem, firmariam compromissos para adotar posturas que as aproximassem de seus sonhos, ou contribuíssem para melhorar seus relacionamentos com suas famílias. Está-se, portanto, realizando um trabalho de preparação da participante para que ela possa se sentir mais empoderada e tranquila para dialogar com seus familiares. Ainda, quando o trabalho de reinserção familiar for iniciado, serão feitos círculos destinados principalmente à reaproximação e criação de canais de comunicação entre as famílias antes do círculo em que eventuais acordos sejam celebrados. Isso não significa que os círculos não podem ter documentos expressando suas conclusões, mas sim que os combinados de cunho perene demandam uma maior maturação das reflexões.

Trabalhar com círculos que respeitem o tempo das pessoas é uma tarefa complicada no sistema de justiça, pois este sistema tem o seu próprio tempo. Em razão disso, é importante que o facilitador aposte no trabalho que possibilite a melhor colheita

de resultados conforme as necessidades manifestadas pelos participantes durante a fase pré-círculo. Tal esforço demanda o balizamento entre o que é possível no contexto do órgão em que o facilitador atua e qual é a melhor forma de abordar o caso.

Não será salutar, por exemplo, que o facilitador opte por uma abordagem muito complexa do caso se, em poucos meses, será proferida uma decisão institucional que pode comprometer o objeto daquele do círculo. O meio termo é deixar tudo às claras aos participantes para que eles possam tomar decisões de se ajustar, ou não, ao ritmo institucional quando não for possível prolongar as abordagens circulares.

### 3. Triagem de casos:

O trabalho do facilitador inicia desde o estudo do caso, partindo da análise de alguns elementos relevantes como depoimentos prévios e documentos eventualmente disponíveis. Há facilitadores que preferem não ter acesso aos documentos para evitar influências das concepções de seus redatores, mas entendemos que uma percepção mínima do caso, antes da realização dos convites, é salutar até para o facilitador se situar com o cerne da situação e eventual narrativa dos indivíduos antes de contatá-los.

A triagem pode ser realizada durante o primeiro contato dos cidadãos com o órgão do MPPR. Nessa situação, após o agente responsável pelo atendimento verificar a presença dos critérios básicos para a integração do caso à iniciativa, ele encaminhará o noticiante aos facilitadores. Isso implica na realização do encontro pré-círculo primeiro com o noticiante.

Essa opção fornece a chance de direcionar o caso à abordagem circular antes da sua procedimentalização convencional, instaurando-se um procedimento tão somente para acompanhar a realização da prática ou apenas vincular a questão a um procedimento destinado ao registro de diligências das iniciativas circulares realizadas pelo órgão. Além disso, a triagem pode ser feita após a instauração de procedimento ou durante o trâmite deste, o que permitirá um estudo mais aprofundado do caso pelo facilitador.

Um dos critérios básicos para a vinculação de um caso à prática circular, quando se trata de situações de conflito, é a **ausência de divergência entre os conflitantes sobre a essência dos fatos**. Isso porque o círculo não é um espaço de investigação ou definição do que houve no passado, e sim um espaço para reflexão e diálogo. Essa noção pressupõe que as pessoas partam de uma base fática minimamente comum, nem que

seja, pelo menos: “estamos com um problema” ou “isso aconteceu”. Do contrário, o desenvolvimento do diálogo será prejudicado até que essa base fática seja sedimentada.

É importante que os critérios de triagem sejam bem objetivos para que os casos analisados sejam tratados com isonomia e fique claro o objeto do programa para os facilitadores e participantes.

Os indicadores no quadro abaixo podem ajudar com o desenvolvimento de critérios de triagem:

## Exemplos de indicadores que podem ajudar com a triagem:

Competência do órgão no qual a iniciativa é desenvolvida.

Definição de um tipo de caso que se pretende abordar;

**Todos os participantes devem estar gozando de suas plenas faculdades mentais:** por exemplo, uma pessoa que se encontra em situação de vulnerabilidade psíquica, em razão de um vício, provavelmente não terá condições de exercitar uma comunicação efetiva com os demais participantes. O adequado é que essa pessoa tenha a oportunidade de ser encaminhada a um tratamento oferecido por profissionais da psicologia;

Ausência de divergências essenciais sobre os fatos entre os participantes.

Você encontrará um *check list* para a triagem no **Anexo 9.1** desta apostila. Após a realização da triagem, há a fase dos convites.

## 4. Fase de convites:

A realização dos convites geralmente é feita pelos próprios facilitadores, mas pode ser delegada, se a pessoa envolvida for bem instruída e estiver ciente da importância deste momento, pois se trata do primeiro contato com os potenciais participantes.

Quando o convite não é feito diretamente à pessoa que está sendo atendida no órgão, este poderá ser realizado por contato telefônico após um breve estudo de caso. Nesta última circunstância é recomendável que se contate primeiro o noticiado, no intuito de minimizar uma revitimização do noticiante no caso deste aderir e o noticiado

manifestar desinteresse pela proposta. Caso o noticiado se interesse por participar do pré-círculo e deseje conhecer a proposta, pode-se adotar dois caminhos: realizar o contato com o noticiante, e convidá-lo para participar do pré-círculo, ou esperar o noticiado aderir no pré-círculo após conhecer a proposta com mais detalhes, e então contatar o noticiante. A segunda opção é mais comum em casos de crimes ou ofensas mais graves, porque ela reduz ainda mais as chances de revitimização.



É possível formular convites via carta quando não se logra êxito ao tentar contatar o cidadão pelo telefone, ou quando o telefone não é sabido. Nessa carta é solicitada a presença da pessoa para um pré-círculo em determinado horário e data, fornecendo-se o endereço do órgão e seu contato para que a pessoa confirme presença ou precise fazer um reagendamento

Essa via, no entanto, gera maior imprevisibilidade quanto à adesão ou não-adesão. **Primeiro** porque os responsáveis pela proposta ficarão à mercê da pessoa contatar a unidade para terem noção se o pré-círculo ocorrerá. **Segundo** porque a pessoa pode não entender direito a proposta e não entrar em contato. **Terceiro** porque um convite de carta do MP tem um caráter mais intimidador e menos pessoalizado do que um contato telefônico.

No contato telefônico o estímulo verbal é respondido de forma imediata, dando ao facilitador maior clareza acerca da compreensão do interlocutor. Por todos esses motivos, tem-se que o contato telefônico mostra-se uma via mais adequada quando o contato telefônico dos envolvidos estiver acessível.

Ao planejar uma iniciativa também é importante estabelecer os horários em que os convites serão realizados, evitando-se períodos perto das refeições, por exemplo. Durante a ligação o facilitador:

- (i)** Conferirá se o interlocutor é a pessoa com quem deseja falar;
- (ii)** Verificará a disponibilidade da pessoa para conversar naquele momento;
- (iii)** Se apresentará como facilitador/mediador que atua no órgão x MPPR e explicar que a ligação se trata de um convite para um projeto desenvolvido no Ministério;
- (iv)** Fará referência à questão na qual o interlocutor está ou poderia estar envolvido e verificará se ele está ciente da situação;
- (v)** Informará que o caso foi encaminhado ao MP;
- (vi)** Apresentará a iniciativa dos círculos como uma forma de mediar a situação em que as pessoas poderão, a partir do diálogo, construir uma solução para o problema;
- (vii)** Explicará que, se a pessoa tiver interesse, a primeira fase do projeto é uma conversa individual entre ela e os facilitadores, a fim de que ela possa contar a sua visão da situação e possa receber maiores esclarecimentos sobre a proposta;
- (viii)** Verificará se a pessoa tem alguma dúvida e se possui interesse em aderir à proposta;
- (ix)** Havendo interesse, verifica-se a disponibilidade da pessoa para comparecer nas datas indicadas e informa-se o endereço do local e horário do agendamento.

Não havendo adesão de alguma das pessoas que são protagonistas na situação, ou não havendo a adesão de alguma pessoa cuja ausência comprometa o objetivo do projeto, o caso não será vinculado. As etapas supracitadas não precisam ser seguidas de modo artificial e linear. O facilitador pode criar sua própria forma de fazer o convite, desde que, por meio dela, consiga transmitir as informações referenciadas e assegurar que o interlocutor compreenda do que se trata.

Um exemplo do que não fazer durante as ligações é já se apresentar dizendo o nome do órgão do MPPR do qual faz parte, uma vez que isso poderá assustar a pessoa e deixá-la na defensiva. Se apresente como pessoa, fale sobre o órgão ao qual você está

vinculado e ressalte o fato de que está fazendo um convite. Fundamental, portanto, é fazer com que a pessoa se sinta bem confortável para conversar e ouvi-lo(a) atentamente.

## Algumas formas de convidar as pessoas para a proposta

**Durante o atendimento ao público:** se a sua promotoria ou órgão faz atendimento ao público, é possível direcionar os atendidos ao pré-círculo se a situação atender aos critérios de triagem. Lembre-se só que isso pode aumentar os riscos de revitimização se o noticiado não aderir à proposta.

**Contato telefônico:** modo personalizado de realizar o convite e que permite ao facilitador priorizar quem será convidado primeiro ou não. Se a promotoria não faz atendimento ao público, este é o método mais recomendável. O *check list* relativo ao contato telefônico se encontra no **Anexo 9.2**.

**Envio de carta convite ou e-mail:** forma subsidiária de convite quando não é possível contatar as pessoas por meio de telefonemas.

## 5. Pré-círculo:

O pré-círculo é um encontro individual entre a dupla de facilitadores e a pessoa convidada a participar do círculo. A duração média desse encontro é entre 40 minutos e 1 hora, variando a depender da disposição da pessoa para contar sobre a situação.

Ela é uma fase muito importante porque munirá os facilitadores com toda a base de informações para organizarem um roteiro de referência com dinâmicas e perguntas que dialoguem com as questões expostas no pré-círculo. Além disso, esse momento oferece elementos para os facilitadores traçarem estratégias de abordagem do problema considerando os perfis e as necessidades expressadas pelos participantes nesse encontro individual. Essa é a fase em que os participantes poderão ser totalmente espontâneos com relação as suas angústias e opiniões sobre o problema e as pessoas envolvidas, podendo expor questões as quais não se sentiriam confortáveis para falar em público.

Trata-se de uma via informativa de mão dupla para os facilitadores e para os participantes, pois esses conhecerão as pessoas e a situação com maior profundidade e estes poderão se inteirar sobre a proposta, suas possíveis consequências, e, a partir disso, tomar uma decisão informada pela adesão ou não adesão.

O pré-círculo é realizado com cada indivíduo separadamente para favorecer a espontaneidade das narrativas, mas podem haver exceções em caso do acompanhamento por advogados ou acompanhamento de crianças por adultos. **Não é recomendável que dois participantes sejam escutados juntos no mesmo pré-círculo, pois a presença de um afetará a narrativa do outro, de modo que essa via arrisca a perda de informações valiosas que podem impactar o modo como o círculo será conduzido.**

As etapas principais do pré-círculo são:

**(i) Desenvolvimento básico de relacionamento:** o facilitador poderá perguntar, por exemplo, como a pessoa está, se gostaria de tomar uma água ou um café antes de começar a conversa, se conseguiu chegar facilmente ao local, etc. Tudo isso para dar um maior tom de leveza à conversa e relaxar o(a) convidado(a) para que se sinta acolhido(a);

**(ii) A apresentação do facilitador e a explicação de seu papel:** após se apresentar, a dupla poderá explicar, por exemplo, que os facilitadores são responsáveis pela organização do círculo, tendo como função assegurar um espaço seguro, horizontal e democrático de diálogo entre os participantes, estimulando-os com perguntas e sugestões de tópicos para dialogar. Eles não têm poder decisório em termos da resposta ao problema, mas somente quanto à gestão do círculo. Os facilitadores não poderão atuar na rotina procedimental convencional da questão vinculada ao círculo, a fim de evitar a sobreposição de papéis e assegurar uma atuação imparcial. É fundamental deixar claro aos participantes que os facilitadores não estão substituindo o promotor ou juiz, porque estão ali para facilitar reflexões e a comunicação, não decidir. Caso as pessoas não estejam se respeitando, cumprindo com as diretrizes que estipularam, ou mesmo não estejam se sentindo confortáveis com a dinâmica circular, o facilitador poderá suspender o círculo;

**(iii) Diferenciar o círculo de outras formas de abordagens:** o poder de construção da resposta ao caso dependerá da interação e do diálogo entre os participantes. Portanto, enquanto um processo administrativo ou judicial tende a ser mais moroso, com pouca participação das pessoas e com todo o poder decisório concentrado

nas mãos de juízes e promotores, a via do círculo tem duração mais vinculada à disposição e disponibilidade dos participantes em comparecerem aos encontros e desenvolverem diálogos construtivos. No círculo, o poder de decisão retorna às mãos das pessoas diretamente envolvidas no caso. Além disso, no procedimento convencional, as balizas principais são o conteúdo das normas e a lógica adversarial (ganha-perde). No círculo, essas balizas são os sentimentos, interesses, necessidades e expectativas dos participantes, abordando-se a situação conforme as características do próprio caso e não a partir de um único modelo preestabelecido. As pessoas interessadas, portanto, são protagonistas na construção das respostas à situação, diferentemente do que ocorre no processo, em que elas são tratadas como espectadores do debate entre operadores do direito.

**(iv) Escuta do convidado:** abre-se a palavra para que o convidado conte, se quiser, a sua percepção da situação e sua parte nela. Algumas perguntas que podem auxiliar na melhor compreensão da situação e do perfil da pessoa, em casos envolvendo o relacionamento continuado dos participantes, são:

**(a)** Na sua opinião, quando e por quais razões essa situação começou?

**(b)** Qual a sua percepção sobre tudo isso? Como se sente e o que gostaria que acontecesse?

**(c)** Quais condutas você adotou que contribuíram para que essa situação existisse?

**(d)** Que atitudes você poderia tomar para melhorar essa situação?

Cabe ao facilitador ouvir o convidado, identificar sua percepção do caso, bem como seus sentimentos, necessidades e expectativas em relação a ele.

**(v) Esclarecer os princípios reitores do círculo:** os princípios que devem ser esclarecidos aos participantes são:

**(a) Participação informada:** os participantes precisam ser informados pelos facilitadores das consequências de sua adesão, ou não-adesão à iniciativa, bem como da manutenção da sua participação ou desistência no círculo para que possam escolher autonomamente qual caminho desejam seguir a fim de que a voluntariedade seja a mais autêntica possível;

**(b) Respeito à vontade dos participantes (voluntariedade):** os participantes não podem ser coagidos a aderir ou a continuar

participando do círculo, devendo sua autonomia ser preservada, e isso se inicia com o reconhecimento do seu direito de escolha;

**(c) Sigilo**: salvo exceções, referentes à informação da prática de crimes processáveis mediante ação pública (art. 30, §3º, da Lei de Mediação) e a atos que poderão atentar contra a ordem pública, tudo o que for debatido no âmbito do círculo está acobertado pela confidencialidade. Isso é relevante para assegurar a espontaneidade e sinceridade das interações realizadas, de modo que os facilitadores não podem servir de testemunhas no caso vinculado à questão mediada;

**(d) Horizontalidade (tratamento com igualdade) e imparcialidade**: não existe hierarquia entre os facilitados e tampouco entre eles e os facilitadores. Os facilitadores deverão zelar pelo tratamento adequado dos presentes para que o diálogo seja sempre equilibrado e se preserve uma interação pautada na horizontalidade e na imparcialidade, sem favorecimentos;

**(e) Consenso ou acordo**: qualquer decisão resultante do círculo só será válida se estiver de acordo com o que os participantes consentirem, pois eles devem ser os principais atores dos encontros;

**(vi) Explicar brevemente o procedimento selecionado**: partindo da narrativa do convidado, o facilitador buscará identificar:

**(a)** se o conflito ou situação possui raízes mais profundas em mágoas do passado, com forte presença de questões emocionais e histórias que os envolvidos gostariam de compartilhar, o facilitador pode priorizar a proposta da abordagem circular. Seu caráter mais ritualístico e enfoque no fortalecimento de vínculos tende a contribuir para que todos os envolvidos desenvolvam empatia e compreendam-se antes de se adentrar no cerne da questão;

**(b)** se diz respeito principalmente a divergências sobre de posturas mais recentes e há maior interesse dos envolvidos em apenas sanar essas questões sem adentrar em aspectos relacionais mais profundos a proposta tenderia a ser pela mediação, cujo formato é mais dinâmico do que a circular narrativa, uma vez que esta possui uma série de etapas e uma divisão mais engessada do momento de falas. A mediação pode viabilizar uma abordagem mais objetiva das questões, pontuando-se desde logo os elementos de tensão, as opções apresentadas e os interesses envolvidos para então focar na construção de respostas que possibilitem a prática de condutas aptas a alterar a dinâmica relacional de modo positivo a todos. A mediação transformativa, especialmente, repousa grande esforço sobre o aspecto relacional entre os sujeitos conflitantes, de modo que há sim momentos destinados ao compartilhamento de histórias e de angústias, mas mesmo estes são mais dinâmicos do que o círculo.

Feita essa identificação, o facilitador explicará as etapas do círculo conforme os pontos do item 7 desta apostila.

**(vii) Esclarecer as possíveis consequências jurídicas e procedimentais do círculo:** a adesão dos participantes ao programa autocompositivo implica na suspensão do procedimento vinculado ao caso enquanto as diligências autocompositivas estiverem sendo realizadas. Havendo a celebração de um acordo de reparação, ou termo de convivência, posteriormente homologado pela promotoria de justiça, e a certificação do cumprimento do acordado, é possível promover o arquivamento do procedimento em virtude do conflito não existir mais.

**(viii) Sanar eventuais dúvidas:**

**(ix) Verificar o interesse de adesão:** havendo interesse do convidado, o facilitador realizará uma cópia do documento de identidade da pessoa e então colherá sua assinatura em termo de consentimento livre e esclarecido, entregando-lhe uma cópia deste. Nesse termo constarão as informações sobre o projeto e o contato do órgão. Ainda, o facilitador perguntará sobre a necessidade de fornecimento de declaração de comparecimento e, havendo, lhe entregará uma declaração assinada

**(x) Verificar interesse em indicar “apoiador”:** cumpridas as etapas anteriores, o facilitador perguntará se, para além das pessoas diretamente envolvidas na situação, haveria alguém indiretamente afetado que poderia participar do círculo, ou mesmo alguém cuja presença poderia fazer o participante se sentir mais seguro. Este apoiador é uma pessoa de confiança do participante, que compreende a situação e que poderia colaborar com as reflexões rumo à construção de uma resposta adequada a ela.

É fundamental que os facilitadores se alternem em cada ponto de intervenção para deixar claro que não existe hierarquia entre eles. Antes do pré-círculo é possível dividir qual facilitador pode ficar com qual parte e a transição de etapas pode ser feita com a abertura da palavra ao outro da dupla, para que ele complemente a fala anterior. Após complementar, se julgar necessário, o facilitador que recebeu a palavra já pode emendar a fala com a sua etapa.

Para o convidado o pré-círculo serve para:

- (i) elencar os temas que o fizeram se interessar pela proposta;
- (ii) possibilitar a escolha consciente da prática circular como meio de transformação positiva da situação;
- (iii) identificar se ele verifica, em si mesmo, a disponibilidade para rever posições rígidas;
- (iv) trabalhar eventuais percepções construtivas em relação ao tema
- (v) compreender seu papel no círculo, em sendo um apoiador, ou um protagonista (ALMEIDA, 2016, p. 27).

Feitos esses esclarecimentos, vamos a algumas dicas sobre como é possível agir em determinadas situações que podem ocorrer no pré-círculo:

## DICAS SITUAÇÕES DIFÍCEIS NO PRÉ-CÍRCULO

**Participante não fala nada ou fala muito pouco:** esclareça, com muita paciência, que esse momento é importante para a pessoa entender a proposta mas também é um momento de sigilo e no qual os facilitadores precisam conhecer a pessoa e a situação, do contrário não poderão fazer o melhor trabalho possível para atender o caso. Isso dá a opção para a pessoa escolher, consciente das consequências do seu silêncio, se deseja falar ou não. Deixe claro que tudo que a pessoa falar ficará entre vocês e que ela não precisa se preocupar com a exposição de sua fala (salvo se ela confessar algo que ponha em risco a vida de outrem ou a segurança pública).

**Participante está indignado e com muita raiva:** o pré-círculo é um bom momento para a pessoa expressar sentimentos de indignação e raiva sem medo de julgamentos e represálias. É um momento para que os facilitadores tomarem ciência desses sentimentos e possam expressar se compreenderam ou não esses sentimentos. A raiva e os sentimentos destrutivos expressados no pré-círculo fazem com que o convidado reflita e isso favorece que ela chegue mais leve no círculo. É fundamental que o facilitador não tome eventuais expressões de indignação como algo pessoal, pois antagonizar o convidado apenas alimentará o sentimento negativo que ele está nutrindo.

## DICAS PARA O PRÉ-CÍRCULO

**Convidado já entra falando na sala:** não tem problema, deixe o participante falar, ele tem que se sentir confortável. Se a pessoa deseja falar, esse é o momento dela, preste muita atenção em tudo e se mostre um bom ouvinte. Cada palavra é um presente que lhe ajudará a se preparar da melhor maneira possível para o círculo.

**“Posso anotar para não esquecer?”:** antes de anotar, informe a pessoa que fará anotações para não esquecer do que ela lhe disse, mas que essas anotações são sigilosas e servirão apenas para você consultar e entender melhor o caso. Pergunte se a pessoa se sente confortável com isso, se não, deixe de anotar e preste ainda mais atenção para fazer anotações pessoais depois do pré-círculo.

**Participante começa a divagar sobre questões que, aparentemente, não têm relação com o caso:** as divagações fazem parte desse momento, porque nem sempre as pessoas estão acostumadas a serem ouvidas. Por vezes a pessoa usa o pré-círculo para um desabafo sobre situações que parecem não se relacionar com o caso, mas é importante lembrar que isso a está afetando de algum modo e, portanto, existe uma relação entre essas questões e a forma como ela reage. Trata-se de uma oportunidade para o facilitador entender um pouco mais sobre a pessoa, sua rotina e sua conduta. Isso é fundamental para a boa condução de um círculo. A menos que o tempo da divagação comprometa o atendimento de outras demandas, deixe a pessoa falar. No caso de comprometimento de outras atividades, não interrompa, mas faça perguntas que direcionem o relato para a situação concreta, tudo com muita paciência e educação. Se o convidado estiver provocando ou antagonizando um facilitador esse é o momento para o outro da dupla fazer uma intervenção e ressaltar a disposição de ambos para ajudar com a situação pela via dos círculos e que todos estão jogando no mesmo time: o time da transformação positiva do problema. **A dupla precisa estar afinada e se proteger, pois não faltarão participantes que instiguem a competição entre ela. O trabalho de facilitação não é uma competição para ver quem brilha mais, mas um esforço coletivo. Se alguém da dupla não está se sentindo bem, a dupla perde, um deve cuidar do outro.**

O *check list* para a condução do pré-círculo está no **Anexo 9.3**, e o modelo de termo de adesão no **Anexo 9.4**. Vamos agora para a fase de execução do círculo!

### 6. Entendendo as etapas do círculo e organizando um roteiro:

Após finalizar a fase dos pré-círculos com os participantes, a dupla de facilitadores se reunirá novamente e construirá um roteiro de estratégico para conduzir os círculos. O roteiro será uma base de segurança para os facilitadores, os quais não precisam se prender a ele, mas o utilizar na medida em que ele for funcional e estiver de acordo com as necessidades dos participantes. O roteiro pode e deve ser modificado durante o círculo se os facilitadores, de comum acordo, julgarem pertinente para a situação do momento.

Um exemplo claro que demanda a modificação do roteiro é quando os participantes, a partir da resposta de perguntas anteriores, já respondem as perguntas seguintes,

tornando-as desnecessárias. Em situações como estas os facilitadores podem simplesmente pular a pergunta desnecessária ou mesmo modificá-la a partir de novos contextos que forem se mostrando durante os diálogos.

Pois bem, como já observado, os círculos possuem uma estrutura etapista que busca preparar os participantes antes de abordarem especificamente a situação concreta. Cada etapa pode ser enriquecida com dinâmicas e reflexões específicas e todas elas são vinculadas ao tema do círculo, que pode ser trabalhado a partir de um fato, de um filme, de um livro, de um poema, etc.

Por exemplo, o tema “família” pode ser abordado a partir de uma série de TV, como “a grande família”. Isso foi feito em círculo organizado por uma equipe técnica de instituição de acolhimento que abriga mães e filhos em situação de vulnerabilidade. O tema também pode ser vinculado a obras literárias, músicas e contos que forneçam o fio condutor das dinâmicas do círculo. Nesse aspecto, a criatividade é muito importante, e o facilitador pode usar a bagagem de conhecimento e experiência que possui para organizar um roteiro e suas dinâmicas.

Um exemplo de roteiro que seguiu o fio condutor de uma obra literária foi um roteiro sobre o tema “infância” no qual foi utilizado como base o livro “Pequeno Príncipe”. Nesse círculo, destinado à sensibilização de uma equipe técnica de instituição de acolhimento, a cerimônia de abertura se baseou na contextualização da história do livro e no convite dos participantes a desenharem um carneiro (como aconteceu na história). O objeto da palavra foi uma rosa, representando a delicadeza e, ao mesmo tempo, o cuidado que se deve ter ao lidar com crianças e adolescentes, pois mesmo sendo delicado e precisando de cuidados uma rosa também tem espinhos, de modo que seus cuidadores precisam cuidar também de si ao lidar com ela.

O uso de referências culturais acessíveis enriquecem as reflexões no círculo. É muito importante que o público do círculo possa entender a referência, pelo menos a partir da contextualização. Não é salutar, por exemplo, que se adote uma obra técnica ou muito específica como tema do círculo, pois isso tende a ser menos inclusivo.

Vamos agora ao estudo das etapas do círculo e suas funções, lembrando que cada facilitador fica responsável pela condução de uma etapa, mas ambos devem ter noção de como realizar tudo para que possam se apoiar durante o círculo.

## 6.1 Cerimônia de abertura:

Organizadas as cadeiras ou almofadas para formar um círculo e com o comparecimento daqueles que aderiram à proposta na fase pré-círculo, é iniciado o encontro com a cerimônia de abertura. Esta cerimônia marca a transição do espaço externo para espaço interno do círculo, que se diferencia dos ambientes cotidianos por ser essencialmente acolhedor e demandar uma presença plena e um esforço cooperativo dos participantes para se desenvolver (PRANIS; WATSON, 2011, p. 38).

Essa fase auxilia os sujeitos a se centrarem e a se colocarem presentes no espaço do círculo espaço, reconhecendo a interconectividade de todos em relação à situação que os reuniu em círculo, liberando-os de distrações externas (PRANIS; WATSON, 2011, p. 38). A cerimônia também pode servir para introduzir ao grupo, de forma mais ou menos sutil, o tema a ser abordado no círculo (PRANIS, 2019, p. 26).

Esse momento contribui para reduzir a ansiedade coletiva em relação ao conflito ou questão sobre a qual se dialogará e pode ser realizado, por exemplo, com dinâmicas envolvendo movimento (alongamentos), meditação, leituras de texto, ou exposições de vídeos com mensagem para a reflexão.

Em conflitos mais complexos e duradouros, em razão do clima de desconfiança e insegurança, a atenção dos participantes se direciona a antecipar a conduta do outro. Por isso a cerimônia pode ser direcionada a uma reflexão de cada um sobre sua própria história, seu papel no conflito, ou mesmo seus sentimentos e necessidades em relação à situação. Isso contribui para que o sujeito possa posteriormente se expressar de modo mais claro e ponderado nas etapas seguintes. Isso vale principalmente para relações continuadas.

A escolha da cerimônia de abertura, especialmente em casos envolvendo conflitos, é muito relevante. A cerimônia causa a primeira impressão que as pessoas têm do círculo. Se o facilitador iniciar essa etapa, em um caso de conflito drástico, com uma música alegre, ou uma dinâmica que exija contato físico entre os participantes, os resultados tendem a ser desastrosos, pois as pessoas podem pensar que os facilitadores são ingênuos ou que estão banalizando o seu conflito.

Uma meditação simples (com muito cuidado para não mobilizar sentimentos ruins ou tristeza), a leitura de texto alegórico ou a passagem de um vídeo são mais recomendáveis para essas situações, pois essas ferramentas tornam possível um contato

do participante consigo e em conflitos, cuja tendência é culpar o outro, olhar para si mesmo pode ser o primeiro passo para a mudança positiva. Eis alguns exemplos:

**Um problema de um pode afetar a todos:** em casos de conflitos nos quais verificamos no pré-círculo uma postura generalizada de culpabilização do outro, frases como “ele precisa de tratamento”, “ele é louco”, “ele é assim porque é mal resolvido”, “não tenho nada a ver com isso”, “meu filho vai mal na escola porque não estuda, não é culpa minha”, são comuns e desempoderadoras. Com essa atitude, a pessoa retira de si qualquer responsabilidade em relação à situação que está vivenciando. Nessas circunstâncias, os facilitadores do NUPIA costumam usar um texto que resgata a percepção de como o problema de um pode afetar a todos e que, portanto, todos são responsáveis de alguma forma pelo problema. Trata-se do texto da “**ratoeira na fazenda**”, que está no **Anexo 9.5** desta apostila. Vale a pena conferir.

**Todos podem contribuir e a construção fica mais fácil quando cooperamos com nossas habilidades únicas:** outra leitura interessante, tanto para uma cerimônia de abertura quanto de encerramento, é o texto sobre a “**reunião das ferramentas**”, que está no **Anexo 9.6**. Esse texto demonstra que, em vez de adotar uma postura competitiva, as pessoas que estão vivenciando um problema podem se unir, considerando as suas respectivas singularidades, e construir algo que, se atuassem sozinhas, jamais seria possível. É um texto recomendável quando os integrantes do grupo possuem perfis bem variados e possuem relacionamentos mais duradouros.

**Antecipando as reflexões e perguntas do círculo para não pegar os participantes de surpresa:** quando o conflito é mais complexo, mas não há vítimas de crimes violentos e as perguntas do roteiro tocam pontos variados, a cerimônia de abertura pode também funcionar como um panorama do que será abordado, possibilitando que os participantes já comecem a ter ideias para responder as perguntas posteriores. Isso poupa tempo e favorece o oferecimento de respostas mais maduras para as perguntas, uma vez que, por vezes, os participantes estão ansiosos para responder logo e isso aumenta as chances de comentários mais superficiais surgirem no momento da resposta. Nesse sentido, uma meditação simples ou texto reflexivo que aborde os temas das perguntas pode ser uma opção salutar.

**Quebrando o gelo:** dinâmicas com movimentos, música, e desenhos são interessantes para quebrar o gelo e incentivar as pessoas a saírem de sua zona de conforto. Esse tipo de dinâmica é recomendada em círculos de integração, círculos que envolvam crianças e adolescentes em situações que não sejam muito

complexas ou mesmo conflitos nos quais as pessoas manifestaram ter relacionamentos saudáveis anteriormente. É uma forma de revisitar a inocência e o lúdico que geralmente esquecemos no dia a dia.

## DICA

**Cerimônia de abertura voltada à autoreflexão:** crie ou leia um texto voltado à reflexão sobre a maneira de lidar com uma situação difícil, tomando cuidado para não desmerecer a dor do outro ou eventuais injustiças que tenha sofrido. Lembre-se então de não fazer reflexões mobilizadoras sobre situações reais específicas ou pontos delicados que foram levantados no pré-círculo. Você pode, por exemplo, tecer reflexões abstratas que façam com que a pessoa se recorde de posturas que está disposta a rever e posturas que contribuíram para o conflito.

Essa abordagem tende a ser muito útil em casos nos quais ambas as partes se agridem mutuamente e não há um gritante disparidade de poder ou traumas envolvidos na situação. Esse exercício de reflexão, que os participantes podem fazer com os olhos fechados, tende a ajudar na redução da ansiedade e permite à pessoa se conectar consigo mesma. Cuidado quando o grupo for integrado também por crianças e adolescentes, pois esse tipo de exercício pode parecer muito cansativo.

A cerimônia pode tanto apresentar um problema que é criado pela ausência de cooperação como demonstrar que a cooperação é importante para a superação de problemas relacionais.

## 6.2 Explicação da peça de centro:

Na explicação da peça de centro o facilitador poderá fazer referência às heranças comunitárias do círculo e explicar sobre os motivos da escolha dos elementos que se encontram no centro do círculo. A peça de centro pode ser uma toalha, um vaso, uma manta e sobre ela serão depositados elementos construídos pelos participantes ou alguns objetos trazidos pelos facilitadores.

As informações colhidas no pré-círculo contribuem para enriquecer esse momento, mas também é possível inserir objetos apenas pelas características extraídas do conflito.

Cada elemento depositado no centro deve dialogar com a identidade compartilhada entre os participantes (enquanto grupo) ou com o tema do encontro.

Caso os facilitadores não tenham identificado elementos comuns e relevantes compartilhados entre os participantes, eles podem remeter a elementos inerentes à essência e ao cotidiano de todos os seres humanos, como um copo de água, que representa uma necessidade comum, a característica da adaptabilidade e mesmo o fluxo da mudança, quando pensamos em correntes fluviais e marítimas. Isso é apenas uma opção, não é uma necessidade. Por vezes, somente uma peça de centro sem adornos é suficiente, pois ela já serve como uma referência sobre a qual os participantes podem repousar o olhar enquanto refletem. Portanto, a peça por si só já tem o seu valor e os elementos da identidade comum poderão ser construídos e depositados sobre ela ao longo do círculo. Vamos a alguns exemplos ilustrativos:

**Conflito entre irmãos:** em um caso de conflito entre irmãos envolvendo o pai idoso de ambos, durante o pré-círculo ficou muito marcada a história de como o pai havia conhecido a mãe deles. Ela era uma Sra. originária de outro país e a história dela com o pai parecia muito com um filme de romance. A mãe já era falecida à época do conflito, mas simbolizando a importância dessa união, que teve como resultado a vida dos irmãos, os facilitadores fizeram uma montagem criando uma junção da bandeira do Brasil com a bandeira do país de origem da mãe, mostrando que ambos os irmãos eram frutos desse amor. A montagem foi impressa em uma folha de papel e depositada na peça de centro logo no início do círculo. Ao escutar a explicação sobre a folha com as bandeiras todos ficaram muito emocionados e o trabalho no círculo partiu do resgate dessa origem em comum para facilitar a criação de canais de comunicação.

**Conflito entre vizinhos:** em um caso envolvendo conflito entre vizinhos, no qual ambos apenas ressaltavam as diferenças entre si, foi depositado na peça de centro uma foto impressa das imagens do *google maps* que mostrava a rua na qual eles moram, simbolizando a pertença de seus lares no mesmo local e o elemento que os une na condição de vizinhos.

**Círculos em ambientes de trabalhos:** em um círculo no ambiente de trabalho ou que aborde reuniões de rede, podem ser colocados na peça de centro gravuras que simbolizam o local de trabalho, como bandeiras ou logotipos, objetos que representem a atividade realizada, etc.

## IMPORTANTE LEMBRAR

A apresentação da peça de centro e eventuais elementos prévios colocados sobre ela pode ocorrer antes da cerimônia de abertura se logo na cerimônia forem produzidos materiais que possam ser depositados sobre o centro.

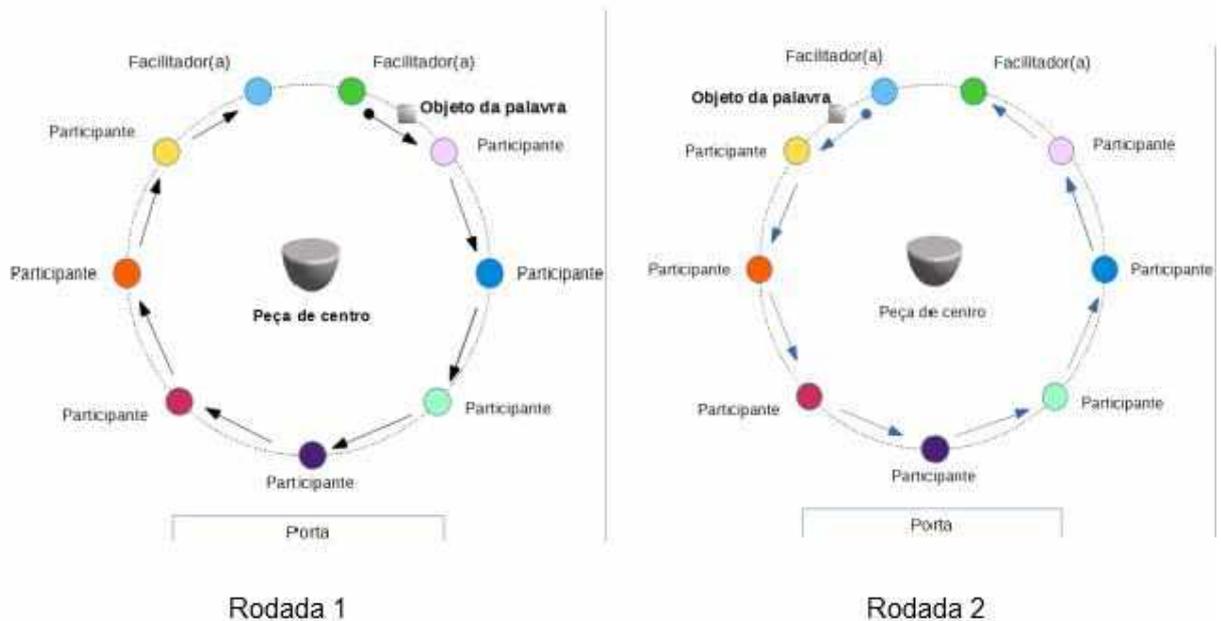
**Ex.:** se os participantes desenham na cerimônia de abertura, eles podem depositar seu desenho sobre o centro, logo, é interessante nesses casos que a explicação da peça venha antes da cerimônia.

### 6.3 Apresentação do objeto da palavra ou bastão da fala:

Na apresentação do objeto da palavra, o facilitador explicará: **(i)** a importância do objeto na dinâmica circular, **(ii)** como que se opera o fluxo de fala, o que ocorre quando alguém deseja falar, mas sua vez já passou, e as demais regras em relação ao funcionamento do objeto da palavra.

O trânsito do objeto é o seguinte: parte de um facilitador, marcando o início de uma rodada, e passa de mão em mão até chegar ao outro facilitador, fechando um arco. Quando a rodada termina, o facilitador não entrega o objeto diretamente para o outro facilitador, e sim para a pessoa que está do seu outro lado, caso contrário o início e fim da rodada sempre acontecerá no mesmo facilitador e com o mesmo fluxo. Portanto, apesar do nome “círculo” o fluxo do objeto forma um arco. Vamos relembrar as figuras do primeiro capítulo da apostila para ficar mais claro:

## Fluxo do objeto:



É importante deixar evidente na apresentação que apenas aquele com a posse do objeto tem o poder da fala e que os demais podem se sentir seguros porque o objeto necessariamente passará por suas mãos.

Além disso, quem estiver na posse do objeto não é obrigado a falar, a pessoa pode usá-lo para promover um momento de silêncio, ou mesmo passar a sua vez. Caso, no meio da rodada, a pessoa que já tenha passado a vez e perceba que tem algo a acrescentar, quando o objeto chegar ao último facilitador ela poderá levantar a mão e pedir a palavra após o facilitador terminar de falar. Nesse caso, o objeto passará de mão em mão até chegar à pessoa e depois continuará até retornar à mão do outro facilitador, dando novamente a oportunidade de todos se expressarem, pois, como essa chance foi dada ao solicitante, a horizontalidade demanda que os demais também possam acrescentar algo se quiserem. Ao receber o objeto, o outro facilitador pode retorná-lo ao facilitador que foi interpelado ou fazer com que o objeto chegue a ele passando mais uma vez de mão em mão, assim o objeto fecha mais um arco e então retorna ao último facilitador da rodada original para que nova rodada seja iniciada.

Quanto ao simbolismo do objeto, essa explicação é feita após as regras de funcionamento e fluxo do objeto serem apresentadas, e esse simbolismo deve estar relacionado ao tema do círculo. Essa questão já foi tratada no Capítulo 1 de modo que, para não ficarmos repetitivos, seguiremos com a explicação sobre a próxima etapa.

## 6.4 *Check-in* ou validação inicial de sentimentos:

A apresentação e validação inicial de sentimentos ou *check-in* serve para os participantes se situarem perante os demais, apontando quem são, qual a sua relação com a questão abordada no círculo e como estão se sentindo no momento.

Essa rodada é iniciada pelo facilitador que tem a posse do objeto da palavra e a sua resposta fornecerá um modelo de resposta que poderá ser usado pelos demais (PRANIS; WATSON, 2011, p. 26). O grande potencial dessa fase é propiciar uma apresentação e demonstrar aos participantes que todos os presentes possuem, como eles, sentimentos e que, como eles, estão vinculados à situação que resultou no círculo.

Isso permite o início da criação de uma identificação e humanização do outro e representa o começo do rompimento da barreira da desconfiança, pois cada um expõe um pouco de si ao revelar como está se sentindo e quais são as suas expectativas naquele espaço.

A depender do público, sendo um grupo mais descontraído, por exemplo, o *check-in* pode ser feito por meio de mímicas, escolhas de gravuras que demonstrem emoções, ou dinâmicas mais lúdicas.

No caso do tempo ser escasso, o grupo ser muito grande, ou se tratar de um círculo que esteja dando continuidade a outros círculos já realizados, é comum que os facilitadores peçam que as pessoas expressem como estão se sentindo em uma única palavra.

### Modelos de perguntas para o *check-in*

- Vocês poderiam se apresentar, dizer como está sendo o dia de vocês e expressar, em uma palavra, como estão se sentindo agora? - **mais adequado quando nem todos do grupo se conhecem**

- Vocês poderiam dizer, em uma palavra, como estão se sentindo agora e quais as suas expectativas para o círculo de hoje? - **mais adequado para casos de conflitos.**

- Vocês poderiam expressar, com uma mímica, como está sendo o seu dia e como estão se sentindo agora? – **possível opção para grupos descontraídos e/ou com crianças e adolescentes.**

## 6.5 Compartilhamento de valores:

Nesta fase, os facilitadores solicitam aos presentes a realização de uma breve reflexão sobre os valores que eles adotam em suas vidas quando são a melhor versão de si e que se comprometem a observar durante o círculo.

A depender do perfil dos participantes, o termo “valores” pode ser simplificado para uma palavra mais acessível como “um ensinamento importante que você busca seguir quando está no seu melhor” e então o facilitador pode dar exemplos como “respeito”, “carinho”, “atenção”, “disposição”, etc. Usar o termo “valores” com crianças, por exemplo, pode causar confusões, pois nem sempre elas vão captar o que isso significa, então é importante passar a mensagem de um jeito que os participantes entendam, caso contrário isso pode gerar constrangimentos e desincentivar a participação nos círculos.

Feita essa ressalva, o facilitador dará um tempo para que as pessoas escrevam seus valores em tiras de papel e após todos terem terminado de escrever ou desenhar (no caso de haver algum participante não alfabetizado) ele iniciará a rodada compartilhando o seu valor, explicando o que ele significa para si e como ele se tornou relevante na sua vida. Terminada a explicação, o facilitador depositará sua tira de papel sobre a peça de centro e passará o objeto da palavra ao próximo participante.

Esse momento deve priorizar o compartilhamento de histórias que tornem concretos os motivos pelos quais o valor é importante para a pessoa, pois isso deixa claro o vínculo pessoal do sujeito com o seu valor e permite que ele se reconecte com o valor a partir da rememoração de sua história. A escrita do valor em um papel representa a materialização dele no espaço circular e o depósito do valor escrito sobre a peça de centro, ao seu turno, simboliza a integração desse valor à identidade coletiva que está sendo criada. Os valores expressados servirão como padrões de conduta que os participantes se comprometem a adotar no círculo (PRANIS; WATSON, 2011, p. 26).

Outros valores que podem ser referenciados são aqueles que costumam guiar o sujeito no seu cotidiano, podendo estar atrelados à temática da abordagem, ou remeter ao convívio pacífico e saudável. Havendo valores contrastantes ou entendimentos conflitantes sobre os mesmos valores, os participantes tomarão consciência que histórias diferentes moldam caracteres e visões de mundo diferentes sem que isso seja destrutivo.

Há facilitadores que optam por fazer uma rodada após a apresentação de valores para que cada integrante do grupo valide os valores manifestados ou informe caso não se sinta representado por algum deles. Na circunstância do indivíduo expressar que não

observará determinado valor, isso dará a chance dos demais escolherem se querem permanecer em um espaço no qual dado valor não será observado. No nosso ver, essa validação não é necessária porque o valor é algo muito pessoal e permitir que ele seja negado é assumir um risco de gerar antagonismos desnecessários no círculo.

## Exemplos de perguntas para o compartilhamento de valores em determinados casos

**Conflitos de família:** na sua opinião, qual valor ou ingrediente fundamental uma família deve ter para conviver em harmonia? Em que momento da sua vida você percebeu isso?

**Conflitos no ambiente de trabalho:** na sua opinião, qual valor ou ingrediente fundamental uma equipe deve ter para que todos se sintam acolhidos e trabalhem bem? Você se lembra de algum momento ou episódio em que sua equipe usou esse ingrediente?

**Círculos de celebração:** na sua opinião, o que é fundamental para as pessoas curtirem um momento de alegria? Você lembra de algum momento que curtiu bastante por adotar uma postura nesse sentido?

**Círculos de luto:** qual um valor marcante que você admirava nessa pessoa que não está mais entre nós e em que momentos ela expressava essa característica para você?

### 6.6 Construção de diretrizes ou celebração de combinados:

Na construção de diretrizes de interação ou de combinados, o facilitador que estiver na posse do objeto explicará que essa rodada tem como função dar a oportunidade para que as pessoas façam combinados que regerão seus comportamentos no círculo para que todos se sintam seguros e confortáveis.

Para facilitar a condução dessa etapa, pode ser útil que o facilitador comece explicando a tarefa ao grupo oferecendo um conjunto de diretrizes básicas que são necessárias em qualquer tipo de círculo. Na sequência, cada participante dirá se concorda com o que foi posto e se tem algo a acrescentar. O combinado proposto pode

dizer respeito ao jeito de falar com o outro, a momentos de pausa, à observação de alguma condição especial do participante, etc. Assim, depois do facilitador propor a sua diretriz, cada participante apontará uma diretriz que gostaria que fosse seguida pelos demais para que ele se sinta seguro, respeitado e confortável.

Cada diretriz proposta será escrita em uma lousa e, ao final da rodada, após o segundo facilitador expor a sua proposta, haverá uma nova rodada para verificar se todos concordam com os combinados ofertados. Quem não concordar com alguma diretriz explicará a razão da sua discordância e, democraticamente, o grupo avaliará se a diretriz deve permanecer, ou não, tendo como critério o fato dela contribuir para a criação de um espaço seguro e inclusivo.

Para reforçar os pressupostos da prática circular, os facilitadores poderão propor como diretrizes: a participação e permanência voluntária no círculo, o sigilo ou confidencialidade dos diálogos realizados e a igualdade de relevância de todos os presentes para contribuírem ou se manifestarem no círculo. A construção de diretrizes é mais um consenso construído pelo grupo.

## **Exemplos de diretrizes ou combinados que podem ser firmados e o que eles valorizam**

- Participa do círculo e permanece nele quem se sentir à vontade (voluntariedade);
- Tudo o que for dito fica no círculo (sigilo);
- Todos têm o mesmo valor e terão as mesmas chances de participar (horizontalidade);
- O círculo deve terminar perto das ... horas (respeito aos compromissos externos);
- Quando o participante for responder deve focar no tema da pergunta (atenção);
- Quando falarmos, faremos em primeira pessoa (responsabilidade);
- Apenas falaremos na nossa vez e expressaremos nossas ideias sem menosprezar o outro (respeito)
- Focar no que pode ser feito daqui para frente (enfoque prospectivo)
- Haverá uma breve pausa na metade do círculo (conforto)
- Quem quiser pode ir ao banheiro sem se manifestar (conforto)
- Celulares devem ser colocados no modo silencioso (atenção)

## 6.7 Perguntas norteadoras:

Superada a construção de diretrizes, após um possível intervalo, parte-se para a etapa das **perguntas norteadoras**. Essas perguntas são elaboradas pelos facilitadores com base nas informações colhidas nos encontros pré-círculo, e podem ser alteradas a depender do ânimo dos participantes de novas informações que surjam nos círculos ou se já tiverem sido respondidas em manifestações anteriores.

Como relembra Kay Pranis, o formato da pergunta terá um impacto no formato das respostas, o que justifica o esforço e reflexão prévios para a elaboração de boas perguntas. Perguntas que possam ser respondidas com um simples “sim” ou “não”, que sejam muito abstratas, ou que direcionem uma resposta têm mais chance de provocar manifestações vazias (PRANIS, 2011, p. 19).

### **Exemplos de perguntas iniciais que arriscam receber respostas vazias**

- Qual a maior qualidade de fulano para você?
- Como você era na infância?
- Por que as pessoas que convivem em família entram em conflitos?
- O que é preciso para termos uma comunicação saudável com o outro?

### **Exemplos das mesmas perguntas que favorecem o compartilhamento de histórias**

- Você se lembra de alguma coisa que fulano fez que te despertou admiração ou respeito? Como foi isso?
- Tem alguma lembrança que te marcou na infância e que nos ajude a entender como era o seu jeito nessa época?

- Há algum conflito que você teve em família que te fez pensar sobre os motivos que levam parentes a brigar? Quais foram as suas conclusões?

- Você se lembra de alguma vez que conseguiu resolver um problema conversando de modo respeitoso? Como foi isso?

Para Pranis, as perguntas eficientes são feitas para encorajar os participantes a: **(i)** falarem de suas próprias experiências, **(ii)** compartilharem histórias de suas vidas, **(iii)** manifestarem sentimentos e necessidades partindo dos impactos concretos da situação ou tema abordado (em vez de julgamentos moralizantes) e **(iv)** reconhecerem pontos positivos, recursos, e dificuldades para lidar com uma experiência difícil ou com o tema dialogado.

Em casos de conflitos a transição da discussão sobre acontecimentos difíceis para um diálogo voltado ao compartilhamento de histórias, de responsabilidades e ao oferecimento das possíveis respostas à situação fortalece o sentimento de esperança e ressalta a importância do esforço coletivo para a superação de aspectos negativos da situação debatida (PRANIS, 2011, p. 19-20).

Por esse motivo, as **perguntas iniciais** tratam de questões indiretamente ligadas ao caso concreto ou tema central do círculo, favorecendo o compartilhamento de histórias. Essas histórias incentivam a empatia, pois situam os participantes sobre a realidade e trajetória daquele que as conta, dando continuidade à criação de laços entre os presentes e alimentando uma sensação de segurança. Dessa maneira, o “estranho” ou o “inimigo” passa a ser um ser humano com nome e história, alguém com o qual é possível se identificar. As histórias humanizam as pessoas e permitem a comunicação e identificação entre as diversas trajetórias, desconstruindo os preconceitos.

Os facilitadores também respondem essas perguntas iniciais, oferecendo formas de respostas e atestando que esse momento é mais enriquecedor quanto mais os participantes compartilharem suas próprias histórias. A história que o facilitador escolher expor provavelmente afetará o grupo, motivando, ou não, cada um a contar uma história significativa com mais ou menos detalhes.

Depois dessas perguntas iniciais, que dão oportunidade para a criação e fortalecimento de vínculos entre todos, os facilitadores realizarão as **perguntas de**

**transição**, que estimularão as pessoas a expressarem quais são as situações mais difíceis que precisam ser dialogadas. A técnica do compartilhamento de histórias permeia também as perguntas de transição. Se o tema das perguntas de transição estiver vinculado a situações do caso concreto, os facilitadores não as responderão para evitar a expressão de opiniões sobre e para preservar sua imparcialidade.

## Exemplos de perguntas de transição que arriscam fomentar o antagonismo

- O que você pensa sobre essa situação ou conflito?
- Na sua opinião, por que o conflito aconteceu?
- De todas as coisas positivas faladas, o que você visualiza no seu ambiente do trabalho?

## Exemplos das mesmas perguntas que favorecem a reflexão

- Considerando os impactos dessa situação na sua vida, que reflexões você fez sobre essa situação que podem ajudar a superar os pontos negativos?
- Pensando nas suas atitudes, o que você acha que poderia ter sido feito de diferente para que a situação não chegasse a esse ponto? **Obs.:** se o caso envolver uma vítima de crime sem vínculo com o ofensor, não é prudente fazer esse tipo de pergunta porque ela pode gerar revitimização. Assim, a pergunta deve ser direcionada ao responsável pelo ato.
- Relembrando os pontos positivos trabalhados, o que você acha que sua equipe já está bem avançada e no que ela pode ainda melhorar?

As perguntas podem direcionar os participantes a sentirem emoções pesadas ou leves, de modo que, ao elaborá-las, os facilitadores devem tomar cuidado para intercalar esses dois tipos de perguntas. O enfoque apenas em perguntas leves dificulta a reflexão sobre posições rígidas e pode banalizar a seriedade de determinadas situações. A adoção apenas de perguntas mais profundas pode implicar em uma violência psicológica contra os participantes, gerando angústia e tristeza, o que é improdutivo e raramente promove a conexão. Assim, intercalar os estilos de perguntas é uma maneira saudável de permitir a realização de reflexões e relaxar os pensamentos com esperança.

### **Exemplo de sequência de perguntas que não observa o equilíbrio**

- Qual é o maior problema que você enfrenta em sua vida hoje e como ele lhe afeta?
- Durante as suas tentativas de vencer esse desafio houve algum momento em que você percebeu que seus limites pessoais ou da sua rotina dificultam ainda mais essa superação? Como foi isso?
- Você já passou por alguma situação parecida em que teve que lidar com um desafio complicado? Como lidou com isso?

### **Exemplo de sequência que intercala perguntas que provocam sentimentos leves e reflexões com autocrítica**

- Qual é o maior desafio que você enfrenta hoje? Você se lembra de algum momento recente em que esse desafio ficou bem evidente?
- Você se recorda de algum desafio que já enfrentou na vida, que parecia muito grande para ser resolvido, mas que você superou e colheu frutos disso? Como foi isso?
- Considerando os seus limites pessoais e o limites que a rotina te impõe, quais ferramentas, rede de apoio ou habilidades que você possui hoje que podem ajudá-lo a superar esse desafio? Você está fazendo bom uso delas?

Em seguida, as perguntas abordarão diretamente a situação que originou o círculo, incentivando respostas que esclareçam os motivos, causas e consequências dessa situação. Após a realização dessas perguntas, será possível realizar indagações que tratem da (auto)responsabilização dos presentes pela situação, da construção coletiva de respostas para superação dos desafios identificados e para a elaboração de planos de ação que permitam a superação do problema e meios que evitem a sua repetição.

Ao final dessa etapa, é possível fazer uma pergunta com o objetivo de verificar o interesse dos participantes de realizarem combinados, celebrarem eventual acordo ou assumirem compromissos. Se os participantes têm interesse e disposição de celebrar um acordo, mas acreditam que ainda há outros pontos para serem tratados, pode-se celebrar um acordo provisório focado apenas nos consensos que já foram atingidos e no que se pretende testar para verificar a eficiência, o que é comum em casos de relacionamentos continuados. Se algum dos participantes ainda não se sente confortável para celebrar o acordo ou combinado, isso pode ser postergado para outro círculo ou se registra a ausência de consenso. Em se tratando de um círculo de reflexão ou diálogo em que não exista um problema ou desafio a ser superado, não há necessidade de se abordar a questão do acordo, mas é possível registrar as conclusões do círculo se os participantes desejarem. Por exemplo, se o círculo é usado como dinâmica para organizar os diálogos em um grupo de estudo, é possível que, após as perguntas norteadoras surja o desejo coletivo de registrar as ideias que foram debatidas e as conclusões.

Também, é importante considerar que quanto maior o número de perguntas e participantes, mais duradouro será o círculo e maior será o cansaço psicológico e emocional. Por isso, é interessante que a dupla de facilitadores possa ter um roteiro com várias perguntas norteadoras na “manga”, o que permite ter opções diferentes para atender as necessidades dos participantes. Mesmo assim, os facilitadores somente farão uso das perguntas que forem realmente pertinentes e necessárias. O foco das perguntas está a serviço das necessidades do grupo e não o inverso.

Por outro lado, se trabalhamos com um grupo pequeno, poderemos ter mais rodadas de perguntas norteadoras se as necessidades manifestadas forem nesse sentido.

Feita a pergunta final, suspende-se o objeto da palavra e, havendo interesse pelos presentes, parte-se para a **celebração de um plano de ação, acordo, ou conclusão**, etapa que existe em círculos que têm como um dos objetivos mudar uma dinâmica ou situação, promover a reparação de danos, transformar um conflito ou registrar alguma conclusão.

## 6.8 Redação de termo de acordo, conclusão ou combinado restaurativo:

A redação dos termos do acordo, conclusão ou combinado restaurativo deve ser clara e específica, constando **(i)** o nome e número de identidade dos participantes do círculo; **(ii)** eventual introdução sobre o consenso dos participantes acerca das causas da situação a ser transformada (se os participantes tiverem esse interesse); **(iii)** a descrição precisa da prestação ou compromisso assumido; **(iv)** a indicação da forma como se dará o cumprimento desse compromisso; **(v)** os prazos que deverão ser respeitados e, se a prestação depender de variáveis que fogem ao controle dos participantes; **(vi)** a previsão de prestações alternativas nos mesmos moldes das principais.

O facilitador precisa deixar claro que os participantes podem participar na elaboração da redação do acordo e, havendo o interesse em sua revisão por advogados, pode-se constar no termo que o consentimento do participante será validado apenas com a homologação por seu advogado. Assim, os facilitadores contatarão os advogados para que venham analisar os termos e assiná-los.

Os termos de acordo devem fornecer segurança aos participantes, trazendo previsibilidade ao que ocorrerá. Certificar-se de que todos entendem e estão satisfeitos com o acordado é fundamental para aumentar as chances de cumprimento.

O combinado ou acordo pode conter um trecho inicial de esclarecimentos em relação à percepção dos participantes quanto à situação que levou a realização do círculo. Tais esclarecimentos são uma maneira de situar melhor os operadores do direito que atuem em eventual procedimento e que ficarão responsáveis pela homologação do acordado (como juízes e promotores). Mais importante que isso, tais esclarecimentos dão a oportunidade aos participantes registrarem a transformação de suas experiências em objetos de narrativa, permitindo a melhor compreensão das causas da situação que se busca superar ou transformar.

## Exemplos de introduções e esclarecimentos prévios às cláusulas

- “Após a finalização do círculo de construção de paz, os participantes concluíram que as principais causas do conflito entre si foram: “falha de comunicação”, e que suas consequências foram (...), assim acordaram que: (cláusulas)”.

- “Após a finalização do círculo de construção de paz, os participantes concluíram que “o diálogo respeitoso é uma forma mais frutífera de lidar com conflitos e portanto, acordaram com o que segue: (...)”

É possível prever no termo a possibilidade de um encontro pós-círculo voltado a verificar se os participantes efetivamente cumpriram com o acordado, ou se há necessidade de alteração de alguma cláusula. O pós-círculo é também uma oportunidade para compartilhar a experiência vivenciada em relação às atitudes tomadas para se cumprir o acordo. Outra via que substituiria esse encontro, se a sua realização não for conveniente para os participantes, é a apresentação de comprovantes de quitação das prestações pelo participante responsável ao órgão competente.

O acordo assinado corresponde a um título executivo no que toca às prestações legalmente exigíveis. Ainda assim, é comum que o acordo preveja cláusulas simbólicas de diretrizes de convivência em situações de relacionamentos continuados, como o “respeito mútuo” e a “cordialidade”, o que produz efeitos positivos na percepção dos participantes quanto aos avanços atingidos durante o círculo. Tais cláusulas, todavia, devem ser detalhadas com exemplos de condutas ou abstenções esperadas, caso contrário ficarão muito vagas.

Não estando os participantes 100% seguros da viabilidade de manutenção de um acordo com prestações continuadas por tempo indeterminado, poderá ser previsto prazo de validade àquela prestação e uma cláusula determinando o retorno dos participantes para promover ajustes. É o chamado acordo provisório, que pode ser usado também para pautar os pontos sobre os quais será feito o diálogo em um próximo círculo.

Em situações de conflitos, nas quais usualmente as pessoas anseiam por resultados imediatos para aliviar a sua tensão, trabalhar com o acordo provisório é interessante para que o esforço de diálogo e de cooperação possa ser materializado em algum combinado. Assim, as pessoas saem do círculo com algo além de esperança, e isso dá maior seriedade ao trabalho. É importante verificar se a realização desse combinado é oportuna no círculo em questão, conferindo se todos estão prontos para celebrar o acordo naquele dia.

Em se tratando de círculos de grupos de estudo ou círculos sobre reflexões temáticas, havendo interesse dos participantes, poderá ser feito o registro dos consensos, divergências e ideias dialogadas durante o círculo, sem a previsão de nenhuma prestação. Isso é comum em círculos de reflexão e de diálogo em que não se almeja superar um desafio ou problema, mas apenas falar sobre ele.

Feitas essas considerações, após terminar a redação do termo, o facilitador promoverá a sua leitura antes de submetê-lo aos participantes, verificando a necessidade de alterações. Confirmado o consenso, colhem-se as assinaturas, entrega-se uma cópia do documento a cada participante e se prossegue para a última validação de sentimentos.

### **Exemplos de cláusulas que são vagas e devem ser evitadas ou complementadas com informações concretas**

- “O participante x se compromete a reparar os danos que causou por meio de seus atos”.
- “Os participantes se comprometem a conviver em harmonia e respeitosamente a partir de hoje”.
- “Após compreender que o alcoolismo contribui para a prática de condutas danosas, o participante x se compromete a superar esse problema para evitar que a situação dialogado no círculo se repita”.

## Exemplos de cláusulas que são ilustrativas

- “O participante x se compromete a reparar os danos que causou por meio de seus atos a partir das seguintes prestações:

Ex. 1- Realizar depósito bancário na conta (...), ag (...), no valor de R\$ (...), até a data (...).

Ex. 2- Se retratar perante a equipe de trabalho em relação ao ato cometido, expressando o arrependimento de seu ato de dano ao participante y, até a data (...)

Ex. 3 Fornecer carona ao participante y, nas segundas e terças-feiras, buscando-o em sua residência, até o consultório do psicólogo x. Tal prestação se encerrará no dia (...) quando estiverem finalizadas as 10 sessões que o participante y se programou para realizar.

- Os participantes se comprometem a conviver em harmonia e respeitosamente a partir da data de hoje, adotando as seguintes posturas:

Ex. 1 – Sempre que se sentirem ofendidos com o comentário do outro, pedirão para conversar em particular e informarão que não gostaram da atitude. A partir disso, a pessoa que foi chamada escutará com atenção o pedido, se explicará se quiser e buscará adotar uma postura que viabilize o bom convívio.

Ex. 2 – A partir das 22h da noite, salvo nos finais de semana, os vizinhos desligarão os sons de seus automóveis e encerrarão eventos que possam produzir poluição sonora.

Ex. 3 – Estão abolidos, nas interações entre os participantes, o uso de xingamentos e ironias, de modo que sempre que um não aprove a conduta do outro, dirá diretamente a ele, em particular, como se sente e que atitudes ambos podem tomar para superar o problema por meio do diálogo.

- “Após compreender que o alcoolismo contribui para a prática de condutas negativas, o participante x se compromete a frequentar pelo menos 10 reuniões do AA localizado à rua (...), todas às terças-feiras, às (...) horas, encaminhando comprovante de seu comparecimento à Promotoria (...) a cada 2 reuniões ao e-mail institucional (...).

## 6.9 Validação final de sentimentos ou *check out*

Independentemente da existência de consenso e considerando que as pessoas provavelmente já estão cansadas psicológica e, muitas vezes, fisicamente após todas as etapas do círculo, o facilitador fará uma nova validação de sentimentos, que corresponderá ao *check out*.

Essa etapa serve para marcar o estado emocional dos participantes ao deixarem o círculo, representando um fechamento.

Atentando-se então ao tempo já dispendido e ao cansaço dos participantes, recomenda-se que o facilitador apenas peça que cada um expresse como está se sentindo em uma palavra e, se julgar pertinente, fale se o círculo atendeu as suas expectativas.

Ao final dessa etapa os facilitadores podem entregar os questionários de avaliação da prática aos participantes.

### 6.9.1 Cerimônia de Encerramento:

É o momento ou dinâmica que efetivamente encerra o círculo e marca a passagem desse espaço para o espaço externo. Ela é uma etapa importante, mas se os participantes estiverem cansados e ansiosos para irem embora, não faz sentido que os facilitadores peçam para eles ficarem mais tempo, pois eventual reflexão de fechamento provavelmente não será aproveitada.

Em sendo propício realizar uma cerimônia de encerramento, os facilitadores podem optar pela leitura de textos breves, poesias, exposição de vídeos curtos, ou mesmo a leitura de uma frase de impacto que traga uma mensagem provocativa sobre o potencial humano de aprender, cooperar e construir. Considerando o tempo já dispendido em torno das reflexões, e especialmente se o diálogo não foi frutífero, é sempre prudente investir em cerimônias simples, curtas e que demandem pouco gasto de energia.

Vários exemplos de cerimônia de encerramento e de abertura podem ser encontrados no apêndice do livro “No coração da esperança” de Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson, citado na bibliografia.

**OBS:** é importante que os facilitadores preservem todo o material utilizado no círculo, pois ele poderá ser reutilizado para a organização do pós-círculo, deixando a ligação entre um momento e outro.

## 7. Pós-círculo:

O pós-círculo tem como função ser um encontro voltado à verificação dos resultados do acordo ou combinado após o vencimento dos prazos previstos em seu termo.

A ideia é que o pós-círculo seja um momento de fechamento e que as pessoas tenham cumprido com os combinados e usem esse espaço para compartilhar suas conclusões sobre a transformação de seus relacionamentos e sobre a experiência vivida. Isso nem sempre acontece, pois há a possibilidade dos participantes descumprirem com o acordado ou a possibilidade de surgirem situações imprevistas que demandem um pós-círculo para novos diálogos e tratativas.

O pós-círculo nada mais é do que um círculo adaptado para reflexão de experiências frutos dos círculos anteriores. Isso não exige os facilitadores de realizarem as rodadas que antecedem as perguntas norteadoras, o que dá a chance dos participantes revisitarem seus valores e diretrizes caso não desejem formular novos.

Para saber mais ou menos se os participantes estarão em um clima de celebração ou frustração no pós-círculo, é importante que os facilitadores perguntem, quando forem confirmar a presença dos convidados via telefonema, se o acordo foi cumprido e como está o relacionamento entre todos. O tom da resposta direcionará a maneira como o pós-círculo será organizado em termos de roteiro, abordagem e material. Se algum deles não quiser participar do pós-círculo, pode ser necessário oficializar os órgãos da rede de execução para verificar se o acordo foi efetivamente descumprido e, confirmado o seu descumprimento, o caso é redirecionado para a via procedimental convencional.

Se tudo for cumprido como o previsto, o pós-círculo será organizado no sentido de visitar os valores e diretrizes trabalhadas nos primeiros círculos e como foi essa experiência de transformação positiva dos relacionamentos.

## Exemplos de perguntas que podem ser feitas no pós-círculo quando os combinados foram cumpridos

- Você poderia contar ao grupo que atitudes você passou a adotar para melhorar o relacionamento entre vocês desde o primeiro círculo?
- Você poderia contar ao grupo quais foram os maiores desafios que teve para cumprir o acordo? Foi possível cumprir tudo? Se não, por quais motivos?
- Quais as principais mudanças de percepção que você teve da situação e da outra pessoa após o primeiro círculo e até agora?
- Que lição, aprendizado ou sentimento vocês levam dessa experiência?
- Há a necessidade de mudar alguma cláusula do combinado firmado no círculo anterior? Por quê?

Estando todos satisfeitos, os facilitadores apenas adaptarão o primeiro termo de acordo atestando que os combinados foram cumpridos. Se os participantes quiserem, os facilitadores farão constar cláusulas simbólicas prevendo o acordo sobre posturas perenes que os participantes se comprometem a adotar no futuro para manterem seus relacionamentos em harmonia, como respeito, cordialidade, etc. Caso o acordo tenha sido descumprido e os presentes tenham interesse em dialogar sobre isso para reverter a situação, o pós-círculo pode ser redirecionado à celebração de novos combinados.

Se houver a necessidade de adaptação de algum combinado do círculo anterior, os participantes podem dialogar sobre isso e verificar qual seria a melhor forma de alterar as cláusulas do termo (prolongar prazos, alterar datas de eventuais prestações, etc.). Nessas circunstâncias, é necessário celebrar novo acordo constando as alterações e, se os participantes julgarem necessário, fazer constar os motivos para tanto. Quando for acertado novo combinado, também é possível agendar novo pós-círculo.

Se os participantes não tiverem condições ou não desejem participar do pós-círculo, é possível que os facilitadores apenas escrevam uma certidão apontando que os

participantes manifestaram a desnecessidade de realização do pós-círculo. Ressaltamos, contudo, que o pós-círculo deve ser realizado sempre que houver adesão e for possível.

Perceba que a organização do pós-círculo é basicamente a reprodução das etapas anteriores do círculo sem a triagem e sem o pré-círculo, então, se você já fez um círculo, já sabe como arquitetar e conduzir um pós-círculo.

## 8. Mensagem final

Chegamos ao fim da primeira versão da apostila de aprofundamento e esperamos que ela possa lhe ser útil e contribuir com o seu amadurecimento enquanto facilitador ou facilitadora.

Como buscamos demonstrar, o trabalho do facilitador vai além da condução do círculo, partindo do autocuidado e então passando pela triagem, realização de convites, pré-círculos, preparo de roteiros e o acompanhamento dos resultados práticos dos combinados celebrados nos círculos.

Com essa apostila, oferecemos algumas diretrizes para lidar tanto com círculos restritos à reflexão quanto com círculos de conflito, lembrando sempre da necessidade de treinar com casos menos complexos antes de facilitar casos envolvendo conflitos.

Gostaríamos de ressaltar que essa apostila é um trabalho que estará perpetuamente inacabado, podendo sempre contar com as suas contribuições e com novas contribuições de outras pessoas.

Caso tenha alguma sugestão de mudança, algo a acrescentar ou alguma experiência que gostaria de compartilhar para enriquecer os exemplos, não deixe de compartilhar isso via e-mail do NUPIA ([nupia@mppr.mp.br](mailto:nupia@mppr.mp.br)). Como sempre, estaremos à disposição para tirar dúvidas e pensarmos juntos!

Por fim, terminamos nossas reflexões com uma famosa frase de um dos maiores gênios da história da humanidade, e que é um valioso princípio a ser observado na prática da facilitação:

*“A simplicidade é o último grau de sofisticação”.*  
Leonardo da Vinci

## 9. Anexos:

### 9.1 *Check list* para a triagem de casos:

#### CHECK LIST PARA TRIAGEM DE CASOS

**Obs:** Sugere-se que, antes de preencher o *check list*, o facilitador faça uma leitura panorâmica do procedimento para poupar tempo.

**Obs 2:** Algumas respostas a esse *check list* são precárias, pois poderão ser reformuladas a partir do contato direto com os indivíduos. Portanto, ele serve apenas para situar o facilitador durante a fase prévia ao pré-círculo.

**Obs 3:** o modelo editável do *check list* está disponível para download na página do NUPIA na aba “Cartilhas e Modelos de Documentos”.

**Nº dos autos:** \_\_\_\_\_

**Nome do(a) interessado(a), ofendido(a) ou noticiante:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Relação com o noticiado: \_\_\_\_\_

Algum problema de saúde, ou característica específica que demande atenção especial?

Ex.: diabético, cadeirante, etc

[  ] Sim: \_\_\_\_\_ (descreva) [  ] Não

Telefones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

**Nome do (a)Apoiador(a):** \_\_\_\_\_ (nome)

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Relação com o interessado/ofendido: \_\_\_\_\_

Algum problema de saúde, ou característica específica que demande atenção especial?

Ex.: diabético, cadeirante, etc

[  ] Sim: \_\_\_\_\_ (descreva) [  ] Não

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

**Noticiado(a):** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Relação com o noticiado: \_\_\_\_\_

Algum problema de saúde, ou característica específica que demande atenção? Ex.:  
diabético, cadeirante, etc

[  ] Sim: \_\_\_\_\_ (descreva) [  ] Não

Telefones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

**Do conflito/ situação:**

No que consiste o conflito/situação?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Alguma das pessoas possui doença psicológica, vício, ou *déficit* cognitivo que comprometa a segurança dos envolvidos a de ambos entre si?

[  ] Sim (recomenda-se a desvinculação do caso) [  ] Não

Há divergência entre os conflitantes sobre fatos essenciais relativos à situação?

[  ] Sim (recomenda-se a desvinculação do caso) [  ] Não

Existe possibilidade, ou evidência, de relação continuada entre os envolvidos?

[  ] Sim [  ] Não

Os problemas ou situação estão vinculados a condutas específicas, ou dizem respeito há dificuldades de relacionamento mais profundas e que se prolongam?

[  ] Condutas específicas:

---

(descreva as condutas e a quem são imputadas)

[            ] Problemas mais profundos e duradouros de relacionamento:  
(descreva)

---

---

Observações adicionais (pontos relevantes para o facilitador se situar no momento de fazer o convite):

---

---

---

## 9.2 *Check list* para realização de convites telefônicos:

1. Nº de eventual procedimento: \_\_\_\_\_

2. Nome do(a) convidado(a): \_\_\_\_\_

3. Verificar a disponibilidade do convidado para falar: [    ]

4. Apresentação do facilitador como integrante do Ministério Público: [    ]

5. Referenciar o conflito ou situação em questão para situar a pessoa sobre o que se trata: [    ]

6. Pontuar que a situação está sendo acompanhada por um procedimento na promotoria: [    ]

7. Referenciar que o órgão está com um projeto/iniciativa envolvendo uma abordagem para que as pessoas envolvidas construam coletivamente uma resposta a situação vivida a partir do diálogo e da compreensão dos sentimentos e necessidades de todos: [    ]

8. Perguntar se a pessoa pode comparecer ao órgão para compartilhar sua visão sobre a situação e ser apresentada ao projeto com mais detalhes: [    ]

9. Agendar o pré-círculo e informar os dados do local (endereço, acesso, etc.) e contato do órgão para a pessoa: [    ]

Cidade, (dia) de (mês) de (ano)

Nome

Facilitador(a)

### 9.3 *Check list* para condução de pré-círculo:

#### 1. APRESENTAÇÃO:

- Breve desenvolvimento de *rapport* (perguntar como a pessoa está, se foi difícil chegar ao local, se aceita uma água ou café): [     ]
- Apresentar-se: [     ]
- Perguntar à pessoa se ela sabe mais ou menos do que se trata: [     ]
- Explicar o papel do facilitador (imparcialidade) e explicar os três propósitos do encontro pré-círculo: **(i)** ouvir, **(ii)** apresentar a proposta e **(iii)** verificar o interesse da pessoa em participar da proposta: [     ]
- Ressaltar o princípio da voluntariedade e a confidencialidade da conversa: [     ]

#### 2. DIFERENCIAR O CÍRCULO DO PROCEDIMENTO CONVENCIONAL:

- A realização do círculo depende da adesão das pessoas envolvidas: [     ]
- Resultado depende do consenso entre os conflitantes: [     ]
- No procedimento a decisão dos operadores do direito (juiz, promotor, etc.): [     ]
- O procedimento tende a ser mais moroso que a autocomposição: [     ]
- Na autocomposição as pessoas podem dar mais atenção aos sentimentos, necessidades e expectativas de cada um enquanto no procedimento o enfoque prioritário é assegurar o cumprimento da lei independente da vontade dos participantes: [     ]

#### 3. ESCUTA (intercalar com perguntas na medida em que a pessoa vai contando a sua versão):

- Como está a situação no momento? [     ]
- O que motivou a situação ou conflito? [     ]
- Como você avalia a sua postura nessa situação? [     ]
- Como você se sente em relação a essa situação? [     ]
- Na sua opinião, qual seria a resposta ideal a esta situação ou conflito para que todos vivam em harmonia? [     ]

3.1 Sentimentos identificados: \_\_\_\_\_

\_3.2 Necessidades identificadas: \_\_\_\_\_

3.3 Interesses identificados: \_\_\_\_\_

3.5 Como a pessoa se enxerga na situação/conflito: \_\_\_\_\_

3.6 Opções aventadas pelo participante como possíveis respostas:

---

---

#### **4. EXPLICAR OS PRINCÍPIOS DO CÍRCULO:**

Decisão informada [    ]; Voluntariedade (ressaltar) [    ]; Confidencialidade (ressaltar) [    ]  
Horizontalidade [    ]; Consenso entre os participantes [    ]

#### **5. BREVE EXPLICAÇÃO SOBRE A ABORDAGEM CIRCULAR E SUAS ETAPAS: [    ]**

#### **6. EXPLICAÇÕES SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS E VERIFICAÇÃO DO INTERESSE EM INDICAR APOIADOR:**

- Explicar as possíveis consequências da abordagem autocompositiva [    ]
- Perguntar se restam dúvidas sobre a proposta [    ]
- Coleta da assinatura do participante em termo de consentimento livre e esclarecido [    ]
- Perguntar sobre o interesse em indicar eventual apoiador [    ]
  - Coletar telefone para posterior contato com o apoiador [    ]
- Realização de cópia do RG do(a) convidado(a) [    ]
- Entrega de cópia do termo de consentimento livre e esclarecido ao participante e de declaração de comparecimento, se necessário [    ]

## 9.4 Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido:

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nº do procedimento/processo ou inquérito	
Órgão/Instituição Interessado(a):	
Facilitadores/Mediadores:	(facilitador(a) 1) e (facilitador(a) 2)
Horário	__h__min - ____h__min (Duração: __h__min)

Eu.....  
....., portador(a) do documento de identidade/ CPF de nº....., telefone....., aceito voluntariamente participar do procedimento circular promovido pela (nome da unidade), bem como das atividades de pesquisa vinculadas a esta iniciativa.

Sobre os riscos envolvidos na participação, fui esclarecido que o procedimento pode abordar assuntos e experiências dolorosas que podem mobilizar e trazer desconforto emocional. Em relação a isso, a promotoria fornece encaminhamentos aos órgãos públicos competentes para garantir o atendimento que se faça necessário. Porém, como benefício, a possibilidade de diálogo pode abrir uma oportunidade de elaboração e autoconhecimento com relação à experiência autocompositiva vivenciada.

Informo que fui esclarecido(a) das diretrizes e dos objetivos da autocomposição, assim como da possibilidade de desistir do procedimento em qualquer momento que achar conveniente, até a celebração de eventual acordo. Também fui esclarecido sobre a confidencialidade dos dados pessoais levantados durante a pesquisa.

Recebi uma via assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Ciente, assino o presente.

Cidade, (dia) de (mês) de (ano)

\_\_\_\_\_  
PARTICIPANTE

\_\_\_\_\_  
Facilitador(a)

\_\_\_\_\_  
Facilitador(a)

## 9.5 Cerimônia de abertura: uma ratoeira na fazenda:

### UMA RATOEIRA NA FAZENDA:

Um rato, olhando pelo buraco na parede, vê o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo em que tipo de comida poderia ter ali. Ficou aterrorizado quando descobriu que era uma ratoeira. Foi para o pátio da fazenda advertindo a todos:

- Tem uma ratoeira na casa... uma ratoeira na casa!

A galinha que estava cacarejando e ciscando, levantou a cabeça e disse:

- Desculpe-me, eu entendo que é um grande problema para o senhor, mas, não me prejudica em nada, não me incomoda!

O rato foi até o cordeiro e disse a ele:

- Tem uma ratoeira na casa... uma ratoeira na casa!

- Desculpe-me, mas, não há nada que eu possa fazer, a não ser orar. Fique tranquilo, o senhor será lembrado nas minhas preces!

O rato dirigiu-se, então, à vaca e ela falou:

- Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo?... Acho que não!

Então, o rato voltou para casa, cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro. Naquela noite, ouviu-se um barulho como o de uma ratoeira pegando sua vítima.

A mulher do fazendeiro correu para ver o que havia pego. No escuro, ela não viu que a ratoeira pegou a cauda de uma cobra venenosa. A cobra picou a mulher. O fazendeiro a levou imediatamente para o hospital.

Ela voltou com febre. Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor que uma canja. O fazendeiro pegou o facão e foi providenciar o ingrediente principal... a galinha. Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la.

Para alimentá-los, o fazendeiro matou o cordeiro. A mulher não melhorou e acabou morrendo. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro, então, sacrificou a vaca para alimentar todo aquele povo.

## 9.6 Cerimônia de abertura/encerramento:

### A REUNIÃO DAS FERRAMENTAS

Conta-se que certa vez uma estranha assembleia teve lugar em uma carpintaria.

Foi uma reunião das ferramentas para tirar as suas diferenças.

O martelo assumiu a presidência da reunião, com arrogância.

Entretanto, logo foi exigido que ele renunciasse. O motivo? É que ele fazia ruído demais. Passava o tempo todo golpeando, batendo. Não havia quem aguentasse.

O martelo aceitou a sua culpa, mas exigiu que também fosse retirado da assembleia o parafuso. É que ele precisava dar muitas voltas para servir para alguma coisa. Com isso, se perdia tempo precioso. O parafuso aceitou se retirar, desde que a lixa igualmente fosse expulsa. Era muito áspera em seu tratamento. E, além do mais, vivia tendo atritos com os demais. A lixa se levantou e apontou os defeitos do metro. Ele igualmente deveria sair do local, porque sempre ficava medindo os demais conforme a sua medida. Por acaso, ele estava achando que era o único perfeito?

Enquanto assim discutiam, entrou o carpinteiro. Colocou o avental e iniciou, feliz, o seu trabalho. Tomou a madeira e usou o martelo, o parafuso, a lixa e o metro.

Depois de algumas horas, a madeira grossa e rude do início tinha se transformado em um lindo móvel.

Ele contemplou a sua obra, elogiou e saiu da carpintaria.

Bastou fechar a porta, para as ferramentas retomarem a discussão. Contudo, o serrote com calma falou:

Senhores, foi demonstrado que todos temos defeitos. Mas também pudemos observar, nas últimas horas, que todos temos qualidades. Foi exatamente com as nossas qualidades que o carpinteiro trabalhou e conseguiu criar uma obra de arte, um móvel muito bem-acabado.

Então, todos concordaram que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para afinar e limar a aspereza. O metro era preciso, exato em suas medidas. Sentiram-se como uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram-se felizes com seus pontos fortes e por trabalharem juntos.

## 9.7 Modelo de roteiro de círculo:

REF. Procedimento nº		
Nº do Círculo no caso:	Data:	- Hora de início: ...h...min - Local:
Participantes: (i) , (ii) , (iii) , (iv) e (v) (nomes)	- Facilitadores:	
<b>OBS:</b> as explicações abaixo servem apenas para situar o facilitador iniciante sobre cada uma das etapas, elas devem ser apagadas e substituídas pelo conteúdo a ser usado no círculo.		
<b>1. Cerimônia de Abertura (facilitador 1)</b>		
<b>1.1</b> Tem como função introduzir, de forma mais ou menos sutil, o tema abordado no círculo. Ela também opera para reduzir a ansiedade dos participantes. Pode-se articular tal fase por meio de um momento de meditação, leitura de texto ou pela exposição de vídeos que remetam ao tema e às questões apontadas na fase pré-círculo. É oportuno que este momento favoreça uma conexão do participante consigo mesmo, possibilitando uma melhor compreensão de suas próprias emoções e necessidades, para que depois ele se expresse de modo mais esclarecido.		
<b>2. Organização e explicação do centro: (facilitador 2)</b>		
<b>2.1</b> Organizar a peça de centro com elementos que remetam à identidade comum do grupo. Explicar que essa peça representa as fogueiras em torno das quais as antigas comunidades se reuniam para dialogar sobre temas importantes. Explicar que o centro simboliza a identidade compartilhada pelo grupo ou a identidade de grupo a ser formada durante o círculo. Caso não haja uma identidade comum clara, pode-se remeter a elementos compartilhados por todos os seres humanos, como, por exemplo, um copo de água, que contém a fonte da vida... Na medida em que o círculo for avançando novos objetos serão depositados sobre o centro.		
<b>2.2 Material para trazer:</b>		
a) <b>Caneca com canetas/lápis:</b> para que os participantes possam escrever ou desenhar;		
b) <b>Toalha/manta/peça de centro:</b> base do centro, onde os demais objetos poderão ser colocados;		
c) <b>Papéis recortados:</b> para que os participantes escrevam ou desenhem algo remetendo aos seus valores e possam elaborar seus crachás;		
d) <b>Cartolina:</b> na qual serão escritas as diretrizes e combinados durante o círculo.		
<b>Obs.:</b> na cadeira de cada pessoa deve estar um crachá feito de barbante e papel para que ela escreva o nome como gostaria de ser chamada. Caso a pessoa não seja alfabetizada, o facilitador escreverá o nome como ela deseja ser chamada.		
<b>3. Apresentação do Objeto da Palavra (facilitador 1)</b>		
<b>3.1O</b> facilitador explicará a importância do objeto da palavra na dinâmica, como que se opera o fluxo de fala, o que ocorre quando alguém quer falar mas sua vez já passou, e as demais peculiaridades do funcionamento do objeto: “vai de um facilitador até chegar ao outro, passando de mão em mão e dando a cada um a oportunidade para falar ou silenciar. Se alguém quiser comentar algo novamente, o objeto passará por todos mais uma vez, para que o participante que desejou se expressar de novo não seja privilegiado em detrimento dos demais.		
<b>3.2 Explicação sobre o objeto:</b> objeto escolhido + motivo da escolha do objeto.		
<b>4. Validação de sentimentos ou check-in(facilitador 2)</b>		
<b>4.1</b> O facilitador pedirá para que cada um se apresente e expresse, em uma palavra, o que está		

sentindo no momento.

## 5. Geração de valores (facilitador 1)

**5.1** Os facilitadores entregarão pequenos papéis e canetas aos presentes. O facilitador então pedirá que cada um escreva ou desenhe no papel um valor que busca observar na sua vida, que é importante para si, e que se compromete a seguir durante o círculo. Após escrever e explicar o seu valor quando receber o objeto da palavra, os participantes devem depositar o papel sobre a peça de centro para que todos os valores compartilhados possam ser vistos.

## 6. Formação de combinados (facilitador 2)

**6.1** O facilitador explicará que essa rodada tem como função construir diretrizes ou combinados que regerão a conversa entre todos. Cada poderá fazer uma proposta de combinado que gostaria que fosse seguido durante o círculo. Esse combinado pode remeter ao jeito de falar com o outro, a momentos de pausa, à observação de alguma condição especial do participante, etc.

**6.2** Há três combinados ou diretrizes que os facilitadores devem propor, ou reforçar:

I – **Voluntariedade:** participa e continua participando do círculo quem desejar;

*“O participante pode falar e permanecer no círculo se quiser. Se não sentir-se confortável não há necessidade de falar também ou de continuar no espaço, apenas se fizer sentido para ele.”*

II – **Confidencialidade ou sigilo:** as informações compartilhadas devem ser sigilosas para assegurar uma interação espontânea e sincera;

*“Tudo que se fala no círculo é segredo.”*

III – **Horizontalidade:** não há hierarquias no círculo. Independentemente da posição que a pessoa ocupa fora da prática, no círculo todos são pessoas terão os mesmos espaços de fala, devendo ser tratados com respeito e consideração. Os facilitadores também não estão acima de ninguém.

*“Todos serão tratados com respeito, não há hierarquias e todos têm voz.”*

## 7. Perguntas Norteadoras (alternado)

**7.1** A lógica das perguntas norteadoras começa dedutiva, abordando-se percepções ou situações concretas vividas pelas pessoas em outras ocasiões. Trata-se de uma etapa chamada de “contação de histórias”. Assim, as primeiras perguntas não deverão ser diretamente relacionadas com o problema ou situação, justamente para que os participantes possam partilhar um pouco de suas histórias e percepções, permitindo-se a formação da conexão empática antes da abordagem do caso em si. As perguntas iniciais não podem ser muito abstratas, justamente para evitar respostas vagas, por isso o seu direcionamento deve ser no sentido de que o participante possa compartilhar experiências que revelam percepções e valores.

Perguntas que viabilizem o “compartilhamento de histórias” (os facilitadores também podem participar):

**a).....? (facilitador 1)**

**b).....? (facilitador 2)**

**7.2** Superada a primeira fase de perguntas, rumo-se à aproximação do caso concreto. Nessa etapa as perguntas devem explorar as percepções e sentimentos que os participantes têm em relação à situação concreta, bem como quais interesses e necessidades eles entendem que devem ser atendidos. Esses pontos nortearão a construção coletiva de planos de ação que poderão ser materializada em combinado ou documento no qual conste as conclusões dos

participantes.

A partir daqui apenas os participantes respondem:

**a) .....? (facilitador 1)**

**b) .....? (facilitador 2)**

### **8. Redação das conclusões, acordo ou combinados(facilitador 1)**

**8.1** Finalizadas as perguntas norteadoras, suspende-se o objeto da palavra para que as pessoas possam discutir sobre suas conclusões após responderem as perguntas. O objetivo é conversar sobre a viabilidade, ou não, de se celebrar um termo de convivência, acordo de reparação ou plano de ação que será posteriormente fiscalizado. Havendo consenso, o facilitador realizará a redação do acordo em conjunto com os participantes e depois entregará um rascunho para que todos conferiram se não há nenhum erro. **(facilitador 1)**

**8.2**Após a redação do acordo, ou da constatação da ausência de consenso, o facilitador entregará questionários de avaliação da experiência.

### **9. Validação de sentimentos ou *check out* (facilitador 2)**

**9.1**Independentemente da existência de consenso, o facilitador fará nova validação de sentimentos ou *check out*que será feito nos moldes do *check-in*. Cada um resumirá o que está sentindo em uma palavra.

### **10. Cerimônia de Encerramento (facilitador 1)**

**10.1** É o momento ou dinâmica que remete à finalização do círculo, geralmente com uma mensagem provocativa sobre o potencial humano de aprender, cooperar e construir, ou sobre o fato de que aquele momento foi uma oportunidade para a partilha de um pouco de quem somos.

## 9.8 Modelo de acordo ou ausência de consenso

### ACORDO RESTAURATIVO / TERMO DE CONCLUSÃO DE CÍRCULO

<b>Nº do Procedimento Administrativo Inquérito / Processo vinculado</b>	
<b>Órgão/ Instituição Interessado(a):</b>	
<b>Facilitadores:</b>	(nome do facilitador 1) (nome do facilitador 2)
<b>Horário</b>	Das ___h___min às ___h___min
<b>Duração:</b>	___h___min

Iniciado o procedimento circular, compareceram ao encontro:

1. Nome completo do participante, portador(a) da cédula de identidade RG, sob o nº \_\_\_\_\_(cópia do documento em anexo)
2. (...) (documento em anexo)
3. (...) (documento em anexo)

Ao final os participantes, por meio de consenso, concluíram e se comprometeram com o que segue:

I. Que \_\_\_\_\_(nome) assume a responsabilidade por \_\_\_\_\_, reconhecendo que \_\_\_\_\_(fato). (distribuição de responsabilidade justificada. Pode ser feita uma para cada participante)

II. (descrição da conclusão acerca do fato/obrigação assumida e estipulação de prazo para sua concretização)

III. (...)

O pós-círculo ficará agendado para (data), e os participantes submetem o presente termo à apreciação do promotor de justiça para análise e, se possível, homologação.

//// (possível alternativa)

Os participantes concluíram pela desnecessidade do pós-círculo, pois entendem que a situação já está solucionada, de modo submetem o presente termo à apreciação do promotor de justiça para análise e, se possível, homologação.

//// (possível alternativa)

Ao final, os participantes concluíram pela ausência de consenso sobre uma resposta ao caso, razão pela qual requerem a desvinculação do caso do projeto e o prosseguimento convencional do procedimento vinculado ao conflito.

(cidade), \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de (ano)

\_\_\_\_\_  
(nome completo)  
**Participante**

\_\_\_\_\_  
(nome completo)  
**Participante**

\_\_\_\_\_  
(nome completo)  
**Facilitador(a)**

\_\_\_\_\_  
(nome completo)  
**Facilitador(a)**

\_\_\_\_\_  
(nome completo)  
**Promotor(a) de Justiça**  
**Homologação**

## 9.9 Modelo de questionário sobre vivência no círculo:

O preenchimento de todo ou de parte deste questionário é opcional (não-obrigatório). O objetivo é verificar qual a opinião do participante sobre a iniciativa. Caso tenha alguma dificuldade para preencher os espaços ou entender as perguntas, por favor, peça a ajuda de um facilitador. O documento pode ser entregue diretamente aos facilitadores ou à secretaria, como você se sentir mais confortável. Muito obrigado pela sua colaboração!

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Facilitador(a): \_\_\_\_\_

Facilitador(a): \_\_\_\_\_

Marque um "x" na resposta com a qual você concorda			
Perguntas	Sim	Em parte	Não
1. Você teve oportunidade para falar sobre seus sentimentos, necessidades e opiniões durante o círculo?			
2. Esse encontro foi importante para você?			
3. Você se sentiu escutado(a) durante a prática? Se não, quem não o(a) escutou? ( ) Algum Facilitador ( ) Algum participante			
4. O ambiente das práticas lhe ofereceu segurança?			
5. Você se sentiu pressionado(a) durante o encontro? ( ) Pelo(s) Facilitadores ( ) Por um participante			
6. Você se sentiu responsável pelo resultado do encontro?			
7. Você está satisfeito com o resultado do círculo?			
8. Você indicaria a participação no projeto para casos semelhantes ao seu?		-----	
9. Você considera que essa experiência contribuiu para melhorar a forma como você lida (ou) com a situação abordada?		-----	
10. A experiência contribuiu para quebrar algum preconceito que você tinha antes dela?			

11. Foi falado da disponibilidade dos serviços da rede de apoio (psicólogo, assistente social, etc)?			
12. Você sentiu que foi compreendido(a) pelos demais participantes?			
13. Você sentiu que compreendeu os demais participantes?			
14. A imagem que você tem do Ministério Público melhorou após sua participação nesse círculo?			

<b>Marque um “x” na resposta com a qual você concorda</b>			
<b>Perguntas</b>	<b>Bom(oa)</b>	<b>Razoável</b>	<b>Ruim</b>
15. Sobre a duração dos encontros, você achou:			
16. Sobre a experiência em participar da prática, você achou:			
17. Com relação à facilidade em acessar o local de realização do Círculo Restaurativo, você achou:			
18. Sobre a maneira como os facilitadores conduziram os encontros, você achou:			
19. Sobre a habilidade de escuta do(s) facilitador(es), você achou:			
20. Sobre a explicação das regras e objetivos da prática feita pelos facilitadores, você achou:			
21. Sobre a habilidade do(s) facilitador(es) para lidar com momentos de tensão, você achou:			

22. Como você descreveria a sua experiência na prática? Ela atendeu as suas expectativas ou foi diferente do que você esperava?

---



---

23. A vivência no círculo lhe propiciou algum tipo de aprendizado? Você poderia comentar sobre isso?

---



---

24. Considerando eventual pergunta que você tenha selecionado a opção “em parte”, “não”, “razoável” ou “ruim”, você gostaria de fazer algum comentário a respeito para que possamos saber o que podemos melhorar? Se não tiver selecionado essas opções, você teria alguma sugestão de melhoria?

---



---

## 9.10 Modelo de questionário a ser aplicado no pós-círculo

### MODELO DE QUESTIONÁRIO A SER APLICADO NO ENCONTRO PÓS-CÍRCULO

**O preenchimento de todo ou de parte deste questionário é opcional (não obrigatório).**

O objetivo é verificar qual a opinião do participante sobre a iniciativa. Caso tenha alguma dificuldade para preencher os espaços ou entender as perguntas, por favor, peça a ajuda de um facilitador. O documento pode ser entregue diretamente aos facilitadores ou à secretaria, como você se sentir mais confortável. Muito obrigado pela sua colaboração!

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Marque um “x” na resposta com a qual você concorda			
Perguntas	Sim	Em parte	Não
1. O acordo celebrado entre os participantes foi cumprido?			
2. Na sua opinião, o relacionamento dos participantes melhorou após o círculo?			
3. Houve necessidade de alteração dos termos do acordo celebrado no encontro anterior?		-----	
4. Você considera que o círculo ajudou na resolução do problema?			
5. Você indicaria este tipo de procedimento a casos parecidos com o seu?			
6. Você está satisfeito com a forma como você foi tratado(a)			

7. Você teria alguma observação adicional sobre a experiência vivenciada ou alguma sugestão de melhoria?

---



---



---



---

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tania. **Caixa de Ferramentas em Mediação**: Aportes práticos e teóricos. 2 ed. São Paulo: Dash Editora, 2016.

BRANCHER, Leoberto. **A paz que nasce de uma nova justiça**. Caxias do Sul: Ajuris, TJRS, 2014.

BRANCHER, Leoberto. **Apresentação**. Em: PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz**: guia do facilitador. Porto Alegre: AJURIS RS, 2011.

FELLEGI, Borbála; SZEGÓ, Dóra. **Handbook for Facilitating Peacemaking Circles**. Budapest (Hungary): P-T Mühely, European Commission, DG Justice, Freedom and Security, 2013.

PARKER, Lynette **Lesson 3**: Circles. Centre for Justice & Reconciliation: a program from Prison Fellowship International, 2020. Disponível em: <http://restorativejustice.org/restorative-justice/about-restorative-justice/tutorial-intro-to-restorative-justice/lesson-3-programs/circles/#sthash.2wRF8kok.dpbs>.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz**: guia do facilitador. Porto Alegre: AJURIS RS, 2011.

PRANIS, Kay; WATSON, Carolyn Boyes. **No coração da esperança: Guia de práticas circulares**. Porto Alegre: AJURIS RS, 2011. Disponível na página do NUPIA para consulta e download: [http://www.site.mppr.mp.br/arquivos/Image/Nupia/guia\\_de\\_praticas\\_circulares.pdf](http://www.site.mppr.mp.br/arquivos/Image/Nupia/guia_de_praticas_circulares.pdf)

PRANIS, Kay. **Processos Circulares de Construção de Paz**. 4ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2019.

VEZZULLA, J. C. **Formando Formadores**: ou como conseguir desenvolver as habilidades de um mediador para poder formar outros. In: Tania Almeida, Samantha Pelajo e Eva Jonathan. (Org.). **MEDIAÇÃO DE CONFLITOS - PARA INICIANTES, PRATICANTES E DOCENTES**. 2 ed., Salvador: JusPODIVM, v. 1, p. 863-886, 2019.

VEZZULLA, J. C. **Ser Mediador, Reflexões**. Em: Lília Maria de Moraes Sales. (Org.). **Estudos sobre Mediação e Arbitragem**. 1ª ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, v. 1, p. 113-121, 2003.